

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

NÚMERO  
COMEMORATIVO  
DO  
1.º ANIVERSÁRIO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 39  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 53 — Domingo, 13 de Junho de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## DEFENDAMOS

### O PORTO

#### DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

QUASE ao mesmo tempo, trouxe a imprensa da capital duas notícias que não deixam de ter íntima correlação — tanto elas afectam Vila Real de Santo António, na sua economia e no seu desenvolvimento. A primeira dessas notícias refere-se ao regulamento de tarifas da Junta Autónoma dos Portos de Sotaventos do Algarve, publicado no «Diário do Governo» (1.ª série), de 26 do mês passado; a outra, respeita aos créditos especiais que foram abertos pelo Ministério das Finanças, destinados a reforçar verbas do Plano de Fomento e a aplicar em obras de Portos. Como se vê, trata-se de dois assuntos que, podendo, embora, ser considerados apenas um, são da máxima importância para a vila pombalina.

Pelo novo regulamento de tarifas é o porto de Vila Real de Santo António grandemente prejudicado, pois, sendo o único, dos do Sotaventos do Algarve, com condições que fazem já dele um dos primeiros do País, no mesmo é que podem ser aplicadas todas as taxas — algumas delas agora bastante elevadas, a ponto de se tornarem quase proibitivas.

Sendo, como é, o porto de Vila Real de Santo António o que contribui mais substancialmente para as receitas da Junta Autónoma, seria lógico que representantes desta terra fossem ouvidos sobre a oportunidade ou (inopportunidade) do aumento de tarifas e que se procurasse coadunar os interesses da Nação com a capacidade tributária dos que, com o seu trabalho, são também riqueza da Nação. Mas não só não foram ouvidos como não têm assento na Junta...

(CONCLUI NA 14.ª PAGINA)



#### A PROPÓSITO DUM ANIVERSÁRIO

## ELES E NÓS

NÃO é a primeira vez que boto prosa a comemorar o aniversário dum órgão da pequena imprensa. Nem admira que isso aconteça a quem gasta seus ócios a fabricar artigos para as folhas da província — precisamente aquelas onde melhor me sinto, porque aí ninguém tenta sujeitar-me, ninguém abafa as minhas irreverências e... ninguém me irrita com atitudes repugnantes.

PELO ENG. J. SILVA CARVALHO

tes que exalam pestilência a 327 Kms. de distância. Não cheira aí a coisa nenhuma?

Conheço o «Noticias do Algarve» desde o primeiro número. A Redacção, naturalmente guiada por lista fornecida pela Casa do Algarve, colocou-me em mão há precisamente um ano. Não sei porque mas, depois de o ter lido, decidi tornar-me seu assinante e leitor assíduo. E foi tal a minha assiduidade que, decorridos meses, conhecia a directriz do semanário e, através dela, o sentir jornalístico do seu director, orientado pelo ideal de fornecer luzes ao povo e de servir desinteressadamente o culto da minha província.

Firmado nesta convicção, embora não conhecesse o sr. Dias Pena ofereci-lhe os meus modestos préstimos, identificando-me apenas como «algarvio, nascido

#### DR. GUERREIRO MURTA

A fim de tomar parte no Congresso das Caixas Económicas, que vai realizar-se em Wiesbaden, segue brevemente para a Alemanha, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante e ilustre comprouviano, sr. Dr. José Guerreiro Murta, presidente da Direcção do Montepio Geral.

Cumprimentamos o sr. Dr. Guerreiro Murta, formulando votos de feliz viagem.

#### UMA BARRAGEM

DESTINADA A BENEFICIAR

CERCA DE 80.000 HECTARES

vai ser construída em Lagos

Iniciaram-se os trabalhos topográficos para o estudo da construção de uma barragem no sítio da Bravada, da ribeira de Odeáxere, concelho de Lagos, importante obra que se destina à irrigação dos vales de Bensafirim e Odeáxere e dos sapais de Lagos e Portimão.

Calcula-se entre 70.000 a 80.000 hectares a área que será beneficiada por esta barragem, uma das mais importantes realizações de fomento que ultimamente se têm iniciado no Algarve.

## Crónica de Lisboa

POR JOÃO A. MENDES LEAL

NA Avenida da Liberdade, junto àqueles lagos românticos onde uns cisnes melancólicos passeiam a sua alva elegância, cresceram, e depois murcharam, uns curiosos cogumelos. Havia-os de todas as cores. Azuis, verdes, castanhos, amarelos, abrangendo toda a escala do arco-iris. Tiveram uma vida efémera e, como rosas, viveram o que vivem as ro-

sas, o curto espaço duma manhã...

O lisboeta já vem, de longa data, habituado ao desabrochar daquelas esquisitas e preciosas flores, e como a todos os jardins tem de dar um nome, a este chamou-lhe FEIRA DO LIVRO. A designação, que nada tem de pejorativo, assenta-lhe com a justeza duma luva.

Feira, em toda a vasta acepção da palavra. Feira de vendedores e de compradores. Feira de amostras, de livros velhos e de novidades. Feira, principalmente, de visitantes, e cuja maior virtude está em conseguir atrair a atenção das massas para o dom maravilhoso que é a palavra escrita, pensamento do Homem — bom ou mau, mas eterno — Génio do Homem e mensagens imperecíveis de nós para os outros.

As estantes daqueles volumes gigantescos abertos

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



Praça Marquês de Pombal  
Formoso exemplar da arquitectura pombalina

## NO PRIMEIRO ANO DE VIDA

NESTE primeiro ano de vida do «Noticias do Algarve» é consolador registar que a sua missão de periódico informativo e defensor dos interesses da província e, em particular, da nossa terra, foi cumprida e de molde a não se prestar a críticas de intenção reservada.

E' certo que notamos deficiências, mas também é certo que dentro das restrições impostas pelas condições ambientais e nomeadamente pelas possibilidades materiais e técnicas, parece-nos que seria difícil (não dizemos impossível) fazer melhor.

«Noticias do Algarve» impôs-se dentre os seus colegas da Imprensa regional portuguesa como um dos melhores. Para isso contribuíram os elementos fundamentais que asseguram o êxito de um jornal: bons colaboradores, noticiário, cuidadosa apresentação gráfica e regularidade de publicação.

Na sua vida ainda tão curta, o jovem periódico pombalino já tem prestado alguns bons serviços, cujos frutos a seu tempo colheremos.

Emparceira galhardamente com os outros órgãos jornalísticos da nossa província, e como estes, servindo o nosso Algarve, traz, semanalmente, aos ausentes dessas lindas terras do Sul, uma mensagem de saudade, uma réstea do nosso Sol, um reflexo do nosso mar, um perfume das nossas flores.

José Barão

## Conta = Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

#### Diário

«Defesa de crianças»... «A vida das crianças»... «O amor pelas crianças»... Pergunto a mim própria que significado terá, em frases como estas, a palavra «crianças».

Não se referem, certamente, às «crianças» que estiolam, como flores desprezadas, nas ruas tristes do meu bairro. Nas ruas tristes, invias e soturnas, as palavras não se atrevem a entrar de máscara. São elas próprias — ou então não entram. Permanecem mentirosas, gosando o sol e o ar sadio das avenidas.

Duvida-se que os pobres seres, quase nus, raquíticos, com um ar envelhecido — pequenas urnas de infelicidade — sejam mesmo crianças. É difícil acreditar. Há mesmo quem acredite. É mais cómodo. Pelo menos julgam que, não acreditando, ninguém lhes poderá exigir responsabilidades. Vão cuidado! Todos nós temos responsabilidades.

#### Cogumelo

A nuvem monstruosa crescendo. Alastrando à largura do céu. Umbrela da morte. Ninguém a colhe. Caramba! Não é difícil ver que se trata de um cogumelo venenoso.

#### As flores continuam

As horas agitadas da manhã. A rua treme, grita, protesta. Sofre. Luta. E, de repente, a vozinha apregoando flores. «Comprem as lindas flores!» Assim mesmo. Quase um poema. Ou mais do que um poema. De qualquer forma, um brado de esperança. Afinal, o vento do inferno não queimou as flores.

#### Apontamento

Tão bem disfarçado, palavra de honra. Tão igual, exteriormente, às outras pessoas... Como quem se convencesse que a forma humana é bastante para esconder a condição de verme.

Este número do «Noticias do Algarve» é de 14 páginas e foi visado pela Delegação de Censura.

## O meu Príncipe

POR JOCELYNE PINTO

TEM cinco anos, um rosto moreno, um corpiço frágil e o ar tristonho de quem não é feliz neste mundo.

E porque, meu Deus, se nada lhe falta?

Na verdade, e como costuma dizer-se, ele tem tudo. Desde a camisola confortável ao calçãozinho fresco, desde a pantufa de quarto ao sapatinho desportivo, do jeep de corda ao comboio mecânico. E no entanto nada disto o distrai, coisa alguma o diverte.

Sim, eu sei que ele é uma criança nervosa. Mas as crian-

ças nervosas habitualmente sabem rir e o meu Príncipe não o sabe fazer.

Se me pedissem que escrevesse um conto em que ele houvesse de desempenhar o papel principal, intitulá-lo-ia «O Príncipe Tristonho», e ele seria então a personagem inquieta e sonhadora cuja melancolia constante faria humedecer os olhos dos meus pequeninos leitores.

Mas voltemos ao meu Príncipe. Eu afirmo que ele não sabia rir, e isto é verdade; e também não sabe brincar. Imaginem!

Ri às sacudidelas, com um riso forçado que soa falso como o ambiente em que vive, e quando pretende brincar, fá-lo desajeitadamente e sem graça.

O meu Príncipe é esantosamente infeliz!

Nascido mas não desejado, ele é mais um estorvo do que uma estrela radiosa a brilhar no coração materno. E o meu Príncipe, pequenino de mais para saber compreender e avultar o abismo enorme encerrado na palavra Desprezo, tem, por vezes, numa percepção subtil da

(CONCLUI NA 14.ª PAGINA)

#### COMPARTICIPAÇÕES

##### PARA O ALGARVE

À Câmara Municipal de Vila do Bispo foi concedida, pelo Ministério das Obras Públicas, a importante participação de 1.000 contos, destinada a obras de abastecimento e distribuição domiciliar de água àquela vila, Sagres e outras povoações do concelho.

## FESTEJOS

### dos Santos Populares

#### EM PORTIMÃO

INICIARAM-SE na cidade de Portimão os tradicionais festejos dos Santos Populares, que, como tudo promete, se revestirão do mesmo brilhantismo e animação observados nos anos anteriores.

As festas, que se iniciaram no dia 12, prolongar-se-ão até ao dia 29, consoante de concertos, exibição de ranchos folclóricos e de variedades, bailes, «carrusseis» infantis, comboio eléctrico em miniatura, fogos de artifício.

E de crer que a linda cidade barlaventino conseguirá este ano mais um êxito com estes simpáticos divertimentos, cuja receita, como é sabido, reverte a favor do fundo para a construção do novo Hospital da Misericórdia daquela cidade.

## Algumas considerações

### sobre o livro

#### POEMAS DA FONTE D'EROS

SAÍU há pouco, um novo livro de versos de Hernâni de Lencastre, «Poemas da Fonte d'Eros». Foi com crescente satisfação que o lemos. Não nos surpreendeu, agora, neste seu livro, mais agradavelmente, que nos anteriores, porquanto já nos habituámos a esperar do seu talento poético tudo aquilo que acaba de dar-nos em beleza!

Não conhecemos, pessoalmente, o Dr. Hernâni de Lencastre. Isso não impede, porém, que o admiremos com sinceridade. Numa época em que a noção do bom e do mau é, voluntariamente, tão confusa e duvidosa, por vezes, há que romper com a falta de sinceridade tão claramente expressa. O autor de «Poemas da Fonte d'Eros», quanto a nós, dá-se inteiramente nos seus versos. Põe nelos quanto de exaltação amorosa, de saudade recalcada, de fome de beleza e



Hernâni de Lencastre

(Visto por Sidónio)

(CONCLUI NA 14.ª PAGINA)

## Cândido Marrecas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde esteve de visita, o nosso prezado amigo, sr. Cândido Augusto da Costa Marrecas, agente do Banco de Portugal em Beja, e publicista muito distinto.

# Notícias PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Encontra-se entre nós, o nosso estimado conterrâneo e assinante, sr. Capitão Joaquim G. Travassos, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado assinante e amigo, sr. Manuel Domingos, concessionário do Hotel Guadiana.

Esteve alguns dias em Mértola, de visita a sua família, o nosso assinante, sr. Francisco Nicolau Godinho, tendo já regressado, acompanhado de seus sogros.

Seguiram há dias para Lisboa, onde tomaram o Pacote para Vila do Porto (Santa Maria) Açores, a esposa e filhos do nosso prezado assinante, sr. António José Palermo.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Eng. Agrônomo Jorge Falcão Riques Pereira, genro do nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. Ricardo Lima Correia, gerente da Agência do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila o nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. Capitão António dos Santos Gonçalves.

Depois da permanência de alguns dias no Algarve, em visita de inspecção aos centros industriais desta vila, Olhão e Portimão, já regressou a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante, sr. Alberto de Sousa Oliveira, funcionário Superior do Instituto Português de Conservas de Peixe.

## Festas dos Santos Populares

A Mocidade Portuguesa realizará este ano um vasto programa, durante a quadra dos Santos Populares.

## ARTIGOS PARA TODOS OS DESPORTOS

Vendemos equipamentos completos para todas as modalidades desportivas aos mais baixos preços e com grandes facilidades de pagamentos, aos Clubes

Consultem-nos: **CASA DESPORTO** UM LIVRO SENSACIONAL E ÚNICO EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO «PRONTUÁRIO DO DESPORTISTA» que já se encontra à venda na **CASA DESPORTO** Rua da Madalena, 196 - LISBOA

## Pastelaria CONFIANÇA

BOLOS REGIONAIS BOLOS DE NOIVA BOLOS DE ANIVERSÁRIO

Executa grandes e pequenas encomendas para

Casamentos - Aniversários - Banquetes

Avenida da República, 48 Vila Real de Santo António

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

**A CAMPONESA DE Manuel Mateus Pereira** Mercarias, Vinhos, Cereais e Padaria TELEFONE 16 VILA NOVA DE CACELA

**Manuel Mateus Pereira** CONSTRUTOR CIVIL - EMPREITEIRO ORÇAMENTOS GRÁTIS TELEFONE 16 VILA NOVA DE CACELA

# Campeonato Nacional DE REMO

## da Mocidade Portuguesa

TENDO obtido o 2.º lugar, já regressou de Lisboa, a equipa representativa do Centro Especial de Remo da Ala existente nesta vila, a quem apresentamos os nossos melhores parabens, conscientes de que o fazem em nome de todos os vilarealenses e desportistas locais.

Lançar um BRAVO ao seu esforço seria pouco se atendermos às dificuldades que para eles surgem a cada momento para a prática de tão completo e salutar desporto, e ainda os competidores que tiveram de enfrentar inclusive os de Lisboa, que atirados para um 3.º lugar, viram que não são os grandes centros, os que em contacto com os directores superiores podem marcar posições que lhes mereçam o aplauso ou mesma as facilidades de apetrechamento dos seus Centros com várias embarcações que facilitam um controlo absoluto e não como o da nossa vila que se limita a marcar contra relógio o tempo absorvido por várias provas —! de uma embarcação!

O Algarve continua de parabens.

Portimão classificado dois anos em 1.º lugar, regressou a um 4.º! Mas Vila Real soube defender briosamente a honra algarvia, o valor que realmente lhe pertence a dentro dessa valorização indiscutível do Rumo ao Mar, sequência indubitável dos valores na Escola de Sagres souberam bem alto erguer e ampliar o nome da nossa Pátria.

Sabemos que a prova rigidamente disputada mereceu à equipa da nossa terra os maiores elogios chegando-se mesmo a duvidar dos resultados conseguidos para o nosso centro.

Presente a essa prova e em delegado do director do Centro, esteve o nosso prezado amigo Vital Avelar a quem pelo seu carinho, pelo seu entusiasmo e apoio aos rapazes, apresentamos

# PROVINCIA

## OLHÃO

### Vida Católica

Em Olhão, realizou-se no passado domingo, na sala de sessões do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas, uma assembleia jocista, com a presença de milhares de pessoas. Encontravam-se presente entre outras figuras católicas o Cônego Dr. António Delgado. Para esta cerimónia deslocaram-se a Olhão um grupo da J. O. C. da cidade de Faro, com muitas raparigas e rapazes.

Falaram vários membros da J. O. C. nesta província e ainda o assistente de Lisboa daquela grande organização do bem estar dos trabalhadores.

Realizaram-se, pois, as comemorações da J. O. C. Internacional nesta vila, com o seguinte programa:

No dia 5 — pelas 21,30 horas, Vigília de Adoração.

No dia 6 — pelas 9 horas, Missa de Comunhão Geral.

A noite do mesmo dia, no dito Sindicato, assembleia de confraternização jocista, com Recitativos, Canções, etc.

### Novo Estabelecimento

No passado dia 7 inaugurou-se nesta vila, na Rua do Comércio um importante estabelecimento de fazendas, pertencente ao grande comerciante sr. Bartolomeu Zeferino. Este estabelecimento fica sendo um dos melhores nesta vila. — e.

## DINHEIRO

S HIPOTECA EM QUALQUER PONTO DO PAÍS 6% Longo prazo PRONTO SOCORRO FINANCEIRO RUA RODRIGUES SAMPAIO, 19, 3.º-B - TEL. 46069

igualmente os nossos agradecimentos.

Do seu relatório reportamos apenas o seguinte:

Para mim, temos que reconhecer que sem treinos completos, sem preparação como os de Lisboa e sem material adequado nada se pode fazer, e com as disponibilidades locais, moralmente ficaram em 1.º lugar.

O próprio juri duvidou que os 2.ºs tivessem sido os do Centro 11.

Contra factos não há argumentos e apenas desejamos que esta vitória seja a base de outras que provem que a nossa terra desde que lhe facilitem colaboração pode e deve ser para o que de jus e de razão lhe pertencem, um muito obrigado final e que vocês rapazes sintam bem marcado o nosso maior agradecimento.

No próprio interesse de V. Ex.ª deverá fixar a firma **TIDNDACIA CONDDDD FABRICA DE CARIMBOS III UUIII IA JUQUUUU** Meio século de existência garantem a perfeição dos seus SERVIÇOS GRÁFICOS TELEFONE 59 APARTADO 3 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## FUZETA

### Futebol

Em jogo amigável realizou-se no Estádio Dr. Fausto Redondo Pinheiro, na Fuzeta, um encontro entre as turmas populares União Castromarinense F. C. e do Sport Lisboa e Fuzeta, cujo resultado foi de 3-3. — e.

## VILA NOVA DE CACELA

De visita à Secção dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, aquartelada nesta freguesia, esteve hoje o sr. Luís Acácio Cardoso Figueiredo, ilustre comandante da mesma corporação, que veio assistir à instrução dos recrutas sob a orientação do chefe sr. José Rodrigues Ribeiro.

Fazemos votos para que prossigam na sua obra, levando a cabo tão útil melhoramento.

### Sociedade Columbófila Cacelence

Prosseguindo as provas marcadas no seu calendário, realizou-se, no passado domingo, a de E'vora-Vila Nova de Cacela, na distância de 154 kms., que deu a seguinte classificação:

1, José Francisco Pereira; 2, 5, 7, e 9, Quintino Sousa Marques; 3 e 8, João Guerreiro Madeira; 4 e 12, Manuel Guerreiro Rosa Mendes; 6, António Bandeira Lopes; 10, Joaquim Pedro Salgueiro; 11, Luís Sequeira; 13, João Manuel Tamissa e 14 e 15, Lucio Guerreiro Lopes. — e.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Brasil» — Boletim de Informação — Do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Governo do Brasil em Lisboa, Rua Duque de Palmela, 27-4.º direito, recebemos o Boletim de Informação respeitante ao mês de Abril. Publicação de grande interesse para o Comércio Luso-Brasileiro, comporta elementos informativos muito valiosos sobre a balança comercial dos dois países atlânticos, oferecendo particular importância, sobretudo, para os nossos exportadores.

«Huelva Ilustrada» — Recebemos a visita da revista mensal andaluza, «Huelva Ilustrada».

A julgar pelo número agora recebido, o 5.º, referente ao mês de Abril, trata-se de uma publicação excelente, com notável aspecto gráfico, focando diversas actividades da encantadora cidade de Huelva e de toda a região onubense. E' de salientar, também, a colaboração que apresenta, de grande interesse, destacando-se, entre outros artigos,

# ESCUTISMO

REALIZOU-SE nos dias 5 e 6 do corrente na nossa vila, nas proximidades da Escola Masculina, a terceira e última actividade relacionada com o 1.º Acampamento Regional de Guias e Sub-Guias do Algarve. Nesta, como nas duas realizadas domingos antes em Faro e Olhão, procurou-se habilitar os escuteiros com aqueles cargos a melhor poderem desempenhá-los, proporcionando-se-lhes, além da revisão e estudo de todo o programa que lhes diz respeito, largas horas de instrutiva e agradável distração e de boa camaradagem. Como nas actividades anteriores, formaram-se 4 patrulhas representando os escuteiros mais categorizados dos Grupos n.º 6, de Olhão, 77, de Faro e 60, de Vila Real de Santo António e o programa foi o seguinte:

Em 5 de Junho — Chegada ao local do acampamento, Montagem dos sub-campamentos, Entrega dos totemos às patrulhas, Escolha de cargos; às 22,30 horas — «Fogo do Conselho», levado a efeito com o ritual próprio e que decorreu bastante animado; às 23,45 horas — Recolher; às 24 horas — Silêncio.

Em 6 de Junho — às 7 horas — Alvorada, Areamento de roupas e tendas; às 7,30 — Lavagens, Pequeno almoço; às 8 horas — Revista de uniformes, Içar as bandeiras; às 8,30 horas — Instalação e ornamentação dos sub-campamentos; às 12 horas — Revista e classificação dos sub-campamentos; às 12,30 horas — Almoço, Repouso obrigatório; às 14 horas — Conselho de Guias; às 14,30 horas — Palestras por escuteiros e dirigentes, Leitura e Comentários sobre o «Sistema de Patrulhas», Apreciações sobre as actividades decorridas; às 16,30 horas — Jogos: Rosa dos Ventos, Verdes e Vermelhos, Salta e rasteja, Sete fatal, com poste de tortura, Quebra canelas, em fila, Jogo do Cavaleiro; às 18 horas — Lavagens, Merenda; às 19 horas — Desmontagem de sub-campamentos, Arrumação do material, Limpeza do terreno; às 20 horas — Arriar as bandeiras.

Nas ornamentações dos sub-campamentos foi obrigatória uma exposição de 20 flores ou folhas de plantas diferentes, de que os componentes de cada patrulha deviam conhecer os nomes.

Os programas das três actividades sempre variadas, completaram-se entre si, resultando uma boa soma de conhecimentos úteis.

o de D. Manuel Zamorano, sobre os «Monumentos megalíticos da província», curioso estudo arqueológico apresentado com graça reentamente andaluza, e o de D. Pedro Cantero, Bispo de Huelva, sobre a Semana Santa naquela cidade. Saudando «Huelva Ilustrada», apresentamos cumprimentos a D. Francisco Jimenez Garcia, seu ilustre Director. Vamos permutar.

# AGENDA

## MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 4 a 10 de Junho de 1954

### TRAINEIRAS

Brisa	71.070\$00
Raulito	55.105\$00
Leste	53.230\$00
Levante	52.905\$00
Maria Rosa	52.160\$00
Flor do Sul	49.342\$00
Agadão	47.805\$00
Norte	47.225\$00
Carmela	44.930\$00
Infante	44.755\$00
Tufão	41.050\$00
Sam Domingos	40.700\$00
Janita	36.715\$00
Pérola do Guadiana	33.970\$00
Liberta	31.205\$00
Deolinda Rita	28.465\$00
Marisol	27.550\$00
Boreal	26.370\$00
Restauração	25.770\$00
Cristina Leote	22.790\$00
Batinha	19.560\$00
Tóluiz	18.230\$00
Noroeste	17.495\$00
Briosa	17.015\$00
Sr.ª da Piedade	15.910\$00
Oeste	13.610\$00
Mameliche	13.280\$00
Flor do Guadiana	12.820\$00
Jomanel	9.790 00
Mirita	6.665\$00
Alvarito	6.245\$00
Novo S. José	2.880\$00
Total	986.592\$00

### CERCOS

Amazona	82.375\$00
Portugal I	34.850\$00
Futuro de Olhão	15.860\$00
Novo Machado	9.620\$00
Estrela do Sul	8.000\$00
Total	150.705\$00

### Atum da costa Algarvia

205 Atuns	241.200\$00
446 Atuarros	293.991\$70
90 Albacoras	29.691\$60
Total	564.883\$30

### Atum da Costa de Marrocos

230 Atuns com o peso de 33.663 Kgs.

## Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 5 a 11 de Junho:

### Entrados:

MARIA BERTACCA, Italiano, de 410 ton., do Porto, com carga em trânsito.

JAYME PEREZ, Espanhol, de 59 ton., de Tãnger, com atum.

SUBMARINO NAUTILIO, Português, do mar.

PATRULHA S. MIGUEL, Português, do mar.

MARIA MORENO, Espanhol, de Tãnger, com atum.

FYLGIA, Suéco, de 2024 ton., de Génova, vazio.

COVILHA, Português, 1154 ton., de Lisboa, vazio.

COSTEIRO, Português, 629 ton., de Lisboa, vazio.

SONECK, Alemão, de 1299 ton., de Faro, com folha de flandres.

### Saídos:

MARIA BERTACCA, Italiano, para Génova, com conservas.

ALABE, Panamiano, para Belforte, com minério

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

JAYME PEREZ, Espanhol, para Tãnger, vazio.

MARIA MORENO, Espanhol, para Tãnger, vazio.

SONECK, Alemão, para Cádiz, com carga em trânsito.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 12 a 18 de Junho, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Entre amigos. Bomba Atómica? Não senhor... Apareceu, sim... mas foi o **LICOR 53** de excelente paladar e que todos devemos exigir UMA ESPECIALIDADE DA **FÁBRICA ALELUIA SANTOS & RIBEIRO** VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

**A ILVSTRADORA LIMITADA** Rua de S. Paulo 232 LISBOA TELEF. 25764 **FOTO-ZINCO TRICROMIA FOTOGRAVURA ZINCO-GRÁVURA E DESENHO**

**BOLINDER'S** «Diesel» — 4 tempos Motores industriais e marítimos Grupos electrogéneos e auxiliares de bordo Moto-bombas \* Compressores portáteis UNIDADES EM «STOCK» PARA ENTREGA IMEDIATA REPRESENTANTES **Agência Marítima Transatlântica, L. da** «SECÇÃO TÉCNICA» RUA DE S. PAULO, 9-1.º = TEL. 29330 = LISBOA

**CASA TRINDADE** Malhas - Novidade - Fazendas - Sedas - Algodões - Etamines - Panos Brancos Colchas - Gabardines - Retrozeiro **CALÇADO** Camisas e Gravatas «ATCA» **Agente exclusivo dos Chapéus PALMARES** e **Calçado NILO** Viuva de José da Trindade Coelho Telefone 8 Vila Real de Santo António

# SECÇÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

## «Teresa Raquin»

Fui à estreia da «Teresa Raquin», de Carné. Lotação esgotada. Um luxo espantoso. Noite de grande gala no S. Luís. A saída foi qualquer coisa de deslumbrante. Dezenas e dezenas de carros ocupavam toda a rua. «Chauffeurs» fardados. «Sua excelência para aqui, sua excelência para ali». Vestidos luxuosos com decotes exageradíssimos. Por vezes, ouviam-se assobios de apreciação no lado da «malta» que estava a assistir.

Eu gostei bastante do filme. Houve cenas que me deixaram arrasado pelo seu dramatismo e violência. O diálogo é de um realismo excepcional. E' pena nunca o traduzirem integralmente. Tenho a impressão de que o filme veio cortado. Apenas se vê uma cena sensual em todo o filme. Os dois amantes beijam-se loucamente na penumbra do quarto e caem lentamente sobre a cama. A câmara desvia-se depressa e colhe um pormenor que é dos melhores que tenho visto em cinema. Foca um gato estendido no tapete a olhar fixamente para os dois amantes.

Os olhos do gato parecem chamam. Mas o filme atinge um nível ainda alto nas cenas finais. O desastre do camião colhe a «testemunha» no passeio defronte da casa onde estão os dois amantes; levam-na para a loja e colocam-na encima do balcão. A agonia da «testemunha» a tentar falar, sem conseguir, os olhos revirados e o barulho do sangue a pular na garganta. O «amante» a querer a todo o custo que o outro fale. Sacode-o furiosamente enquanto grita roucamente: «Fala, desgraçado! Fala!» Palavra que tive de virar a cara para o outro lado. Já não aguentava mais.

António Macheira

## Ciné-Clube de Estremoz

O ciné-club de Estremoz mandou-nos os seus programas e o seu boletim informativo, onde constatamos um admirável esforço de boa vontade, de vontade de ir ainda mais além do que até aqui os ciné-clubes portugueses têm feito. Em dois meses de actividade inicial, ofereceram aos seus sócios a exibição de «O silêncio é de ouro», de René Clair e de «O farol das ilhas», de Roy Boulting; editou cinco programas extensos e bem elucidativos, três dos quais para sessões recomendadas, iniciativa inédita entre nós e que merece ser aproveitada por todos os ciné-clubes; promoveu um inquérito entre os sócios, editou um boletim bem elaborado, etc. Parabéns! E, agora, para a frente!

## Sociedade dos Escritores Portugueses

Em reunião convocada por Ferreira de Castro e Aquilino Ribeiro, foi organizada em Lisboa a Sociedade dos Escritores Portugueses. Nela esteve presente Roberto Nobre, «leander» dos críticos cinematográficos portugueses e enviaram telegramas de adesão à iniciativa Manuel de Azevedo e o autor desta secção. Sendo bem escassa a bibliografia cinematográfica portuguesa, é de esperar que a Sociedade nomeie uma comissão para tratar desse problema.

16 m/m

Parece, finalmente, que vai ser autorizada a exploração de cinemas no formato de 16 m/m, nas terras onde não é possível manter a exploração de 35

m/m, que é muito mais oneroso.

A União de Grémios dos Espectáculos tem insistido junto das entidades superiores nesse sentido e, assim, o assunto já está a ser estudado por elementos do Conselho de Cinema, constituídos numa comissão nomeada para esse efeito.

## «O Cinema e a Criança»

Com um excelente aspecto gráfico, lançou há pouco o Ciné-Clube do Porto o 4.º volume da sua colecção «Projectção».

Não se trata de um trabalho individual, retratando pontos de vista puramente pessoais, mas antes de um verdadeiro balanço de pesquisas aturadas, levadas a cabo por especialistas na matéria. O livro interessa a toda a gente, tornanho se imprescindível para os pais que cuidam da educação dos seus filhos em bases sãs. Mais do que um livro de divulgação cinematográfica, «O Cinema e a Criança» é um verdadeiro guia para as crianças e um espelho onde podemos recordar e compreender a nossa própria infância. Recomendamo-lo com entusiasmo!

## «Até à Eternidade»

Esta é uma imagem do filme «Até à eternidade», a que já nos referimos nesta secção. A legenda da gravura é o comentário que então publicámos... A Academia de Hollywood deu-lhe 8 «Óscars», mas terá isso algum significado desta vez? Aguardemos.

Quer ser possuidor de um fato por excelência?

COMPRE

**SUPERBUS  
DESPOORTE-X  
CHAMPION  
SUPER-ROYAL**

Exclusivo em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

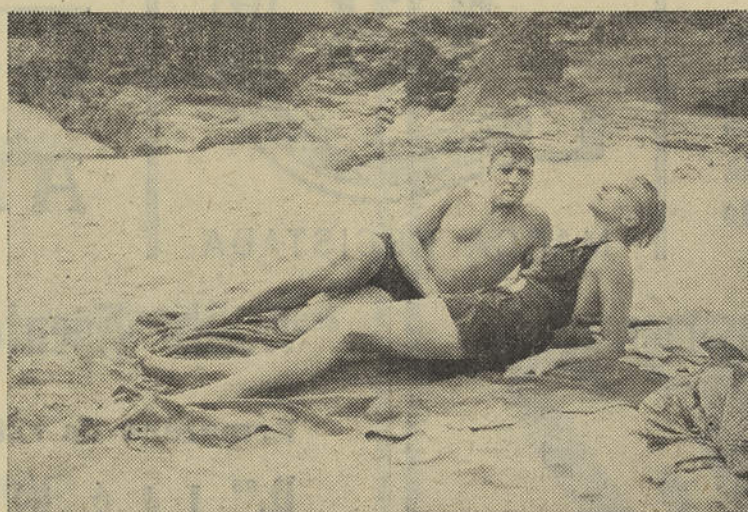
**Casa GRAVANITA**

RUA TEÓFILO BRAGA, 7

TELEFONE 182

FAZENDAS • MALHAS • CAMISARIAS • NOVIDADES

• casa que serve bem para servir sempre!



# EXCELSIOR

é a marca da melhor tinta

PORQUE

# EXCELSIOR

significa: A MELHOR

Um quarto de século ao serviço do progresso da indústria Nacional de tintas

Fornecedores das Marinhas de Guerra e Mercante e das frotas de Pesca

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

# EDITAL

O Doutor Alonso Vasques, Presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António:

FAZ SABER que, de acordo com o estabelecido no Decreto-lei n.º 29.216, de 6 de Dezembro de 1938 e pelo art.º 37.º e seguintes da Portaria n.º 10.887, de 14 de Abril de 1943, que o regulamenta, com a alteração constante da Portaria n.º 10.984, de 18 de Abril de 1945, tudo conjugado com os estudos económicos das obras de abastecimentos de águas a Vila Real de Santo António e Monte Gordo, aprovados por Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas por Portarias, respectivamente, de 26 de Fevereiro de 1948, publicada no Diário do Governo, II Série, n.º 57, de 10 de Março do mesmo ano e 14 de Janeiro de 1949, publicada no Diário do Governo, II Série, n.º 16, de 20 do mesmo mês e ano, esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 6 de Julho de 1953, sob a presidência do Dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, estando presentes os Senhores Vereadores António da Cruz Martins, José Rodrigues Marques, H. I. derico do Nascimento Pires e Teixeira Marques, deliberou, por unanimidade, estabelecer a obrigatoriedade da instalação da rede de distribuição interior e promover a sua ligação à rede geral de distribuição de águas dos prédios situados na sede do Concelho e Praia de Monte Gordo e proceder à cobrança dos ramais de ligação cuja instalação executou, por conta dos proprietários ou usufrutuários, ao abrigo das disposições legais em vigor, cujos termos são os seguintes:

## DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 1.º — É obrigatório em todos os prédios de rendimento colectável anual superior a 100\$00, o estabelecimento da rede de distribuição interior e sua ligação à rede geral de distribuição de água até ao dia 31 de Maio inclusivo.

§ 1.º — A obrigatoriedade de que trata este artigo, bem como a conservação da rede interior e ramal, pertence sempre ao proprietário do prédio, excepto quando este se encontra em regime de usufruto, caso em que pertence ao usufrutuário.

§ 2.º — Quando por qualquer motivo o prédio não estiver devidamente inscrito na matriz, o rendimento colectável será indicado pelo contribuinte, em cumprimento do disposto nos artigos 7.º e 8.º do Decreto n.º 16.781, de 18 de Abril de 1929 ou, na sua falta, o rendimento efectivo constante da relação a que se refere o art. 18.º — Decreto-lei n.º 26.883, de 5 de Fevereiro de 1936.

Art. 2.º — A instalação do ramal de ligação é feita pela Câmara Municipal, à custa do proprietário ou usufrutuário do prédio.

§ 1.º — Pelo estabelecimento dos ramais de ligação será cobrada aos proprietários ou usufrutuários dos prédios a importância de 400\$00, para pagamento da respectiva despesa.

§ 2.º — O pagamento da importância a que se refere o parágrafo anterior será feito no prazo de 80 dias a contar da data em que lhe for apresentada a conta (400\$00 por cada ramal de ligação), pelos Serviços Municipais.

a) — A requerimento dos interessados o pagamento a que se refere os parágrafos antecedentes poderá efectuar-se num período máximo de 4 anos, em prestações semestrais, às quais será acrescido o juro de 5%.

§ 3.º — Caso os proprietários ou usufrutuários não hajam dado cumprimento ao disposto no parágrafo anterior, a Câmara Municipal poderá proceder à cobrança coersiva da respectiva importância, acrescida das despesas a que tal forma de cobrança der lugar.

§ 4.º — Quando as reparações das canalizações exteriores resultem de danos causados por qualquer pessoa ou entidade estranha à Câmara Municipal, os respectivos encargos serão de conta dessa pessoa ou entidade.

Art. 3.º — Terminado o prazo fixado, neste edital, o proprietário que não der cumprimento ao disposto no art. 1.º, incorre na multa de 800\$00, prescrita no art. 28.º do Decreto n.º 13.168, de 28 de Janeiro de 1927, e a Câmara Municipal mandará imediatamente proceder à

respectiva instalação, devendo o pagamento da despesa ser feito pelo interessado no prazo de 80 dias a contar da data em que ficar concluída a ligação à rede.

§ 1.º — Findo o prazo indicado neste artigo a Câmara Municipal procederá à cobrança coersiva da importância devida.

Art. 4.º — Para os prédios situados fóra das ruas ou zonas abrangidas pela rede de distribuição a Câmara Municipal fixará as condições em que poderá ser estabelecida a ligação, tendo em consideração os seus recursos orçamentais, aspectos financeiros e técnicos do problema.

Art. 5.º — Os moradores dos prédios referidos no art. 1.º e situados nas ruas ou zonas de Vila Real de Santo António em que estejam instaladas as canalizações da rede geral de distribuição, são obrigados ao pagamento dos consumos mínimos mensais de água, quer deles se utilizem, quer não, desde a data em que os respectivos ramais de ligação estejam prontos a funcionar.

§ único — Quando um prédio for ocupado por mais de um locatário, o consumo mínimo mensal será fixado em relação a cada locatário, tendo por base o rendimento colectável da parte do prédio que ocupa ou, na falta deste, a área habitável respectiva.

Art. 6.º — A Câmara Municipal poderá ordenar a interrupção do fornecimento de água aos consumidores que se recusam a cumprir as presentes disposições ou a satisfazer, nos prazos fixados, as quantias em dívida, mantendo tal interrupção até que os infractores se sujeitem a que lhes for imposto pela Câmara, de harmonia com estas disposições.

§ único — A aplicação do disposto neste artigo não isenta o consumidor do pagamento do consumo mínimo, se o prédio for obrigado a ter água canalizada.

Art. 7.º — A Câmara Municipal não é responsável pelos acidentes ou estragos que possam produzir-se por descuido do consumidor ou por defeito da instalação interior ou dos respectivos aparelhos de distribuição.

## CANALIZAÇÕES

Art. 8.º — A rede de distribuição interior obrigatória de um prédio abrangido pelo art. 1.º é a seguinte:

a) — Prédios já construídos — Abastecimento a todos os moradores do referido prédio, com redes de distribuição distintas, embora podendo ter origem no mesmo ramal domiciliário, mas sempre antes de qualquer contador; local para contador de cada um dos moradores com torneira de segurança (e olho de boi caso haja necessidade) uma torneira de cozinha sendo habitação, ou uma torneira em qualquer local do prédio, mas sempre na parte coberta, sendo armazém, loja, adega, oficina, etc.

b) — Prédios em construção, grande reparação ou a construir — Rede de distribuição completa, segundo indicações fornecidas pela Câmara Municipal a qual fixará o local do contador.

Art. 9.º — Todas as canalizações situadas na via pública, são propriedade exclusiva da Câmara Municipal.

Em conformidade com as disposições antecedentes vai iniciar-se a cobrança dos ramais de ligação em dívida, durante os primeiros 80 dias do mês de Julho próximo, ao preço de 400\$00 por cada ramal instalado, expedindo-se, para tanto, os avisos de débito. Consideram-se, porém, desde já avisados e com obrigação de pagamento todos aqueles que sendo devedores ao abrigo das disposições regulamentares, por qualquer eventualidade deixem de receber os respectivos avisos.

Para constar se passa este edital e outros de igual teor que vão ter a devida publicidade.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, 5 de Junho de 1954.

O Presidente da Câmara,

a) Dr. Alonso Vasques

**Manuel Francisco Patrocínio**  
MARZENARIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA

Rua Cons. Frederico Ramires, 42-44 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**H. VAULTIER & C.<sup>A</sup>**

**F A R O**

Lubrificantes

«EAGLOIL» e «ESSO»

MATERIAL DE INCÊNDIO  
EMPAQUES — INSECTICIDAS  
ARTIGOS AUTO — MOTORES  
TUBOS — FERRO

e máquinas para:

Lavoura, Moagens, Lagares, etc.

ESTABELECIMENTOS LITOGRAFICOS

**Ramirez, Perez, Cumbreira & C.<sup>a</sup>**

CASA FUNDADA EM 1890

SEDE:

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SUCURSAIS:

OLHÃO E PORTIMÃO  
AYAMONTE (Espanha)

ESTAMPAGEM SOBRE FOLHA DE FLANDRES

Fabricação de: Chaves, Pregos e Grelhas para Sardinhas

**LATAS**

Construção de latas para conservas de peixe em azeite e salmoura e para quaisquer outros produtos

**DROGARIA ALGARVE**

FERRAGENS — DROGAS — TINTAS

Agente da Fundação Mouquim, L.<sup>da</sup>  
Estanhos e Soldas (Mouquim)

Depositário da Cêa & Almeida, L.<sup>da</sup>  
Desperdícios de Algodão para limpezas

TELEFONE 121

Rua Dr. Miguel Bombarda, 97

Vila Real de Santo António

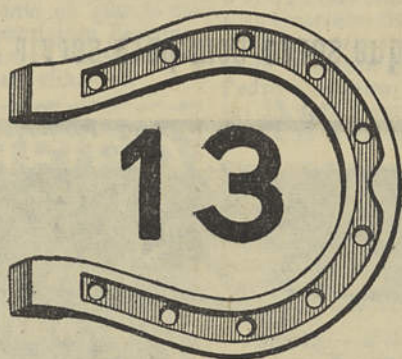
# VINHOS DO CARTAXO

**MARCA DE VINHOS**

de Consumo e Exportação

**QUE MARCA**

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vínica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa

é o seu Proprietário

AGENTES EM:

**Africa e Brasil**

Preços em concorrência para todos os mercados

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»,  
«MINHA ULTIMA MARCA»  
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

**Produtos vînicos 100 por cento**

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa  
Compras a dinheiro, vendas a prazo

**Áceito Agentes onde ainda os não tenha**

Armazéns de retém:

N.º 1 a 6, no Cartaxo, em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal  
Crédit Franco-Portugais  
London & South America Limited  
Borges & Irmão  
Nacional Ultramarino  
Angola  
Espírito Santo e Comercial de Lisboa  
Banco Português do Atlântico  
Caixa Geral de Depósitos

## ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

**CARTAXO - Portugal**

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo  
27 - Ericeira  
821-Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua  
Proprietário das minas: do Falgar, Pomar, Escarvada Pedreira e Vale da Serra

**Empresa de Transportes  
do Rio Guadiana, Lda.**

TELEFONE 152

Serviços rápidos para todos os pontos  
do rio, reboques e transportes de pas-  
sageiros, automóveis e veiculos pesados  
entre esta vila e Ayamonte, e vice-versa

AVENIDA DA REPÚBLICA  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**MOTORES  
DIESEL**

DE

**9 a 60 H. P.**

CONSULTE

**ROLIM COMERCIAL, L.<sup>DA</sup>**

LARGO VITORINO DAMÁSIO, 3

TELEFONES 60195 e 66167

LISBOA

**Viuva Vasques Azevedo,  
Martin Navarro & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES — REPRESENTAÇÕES

**AGENTES DE NAVEGAÇÃO**

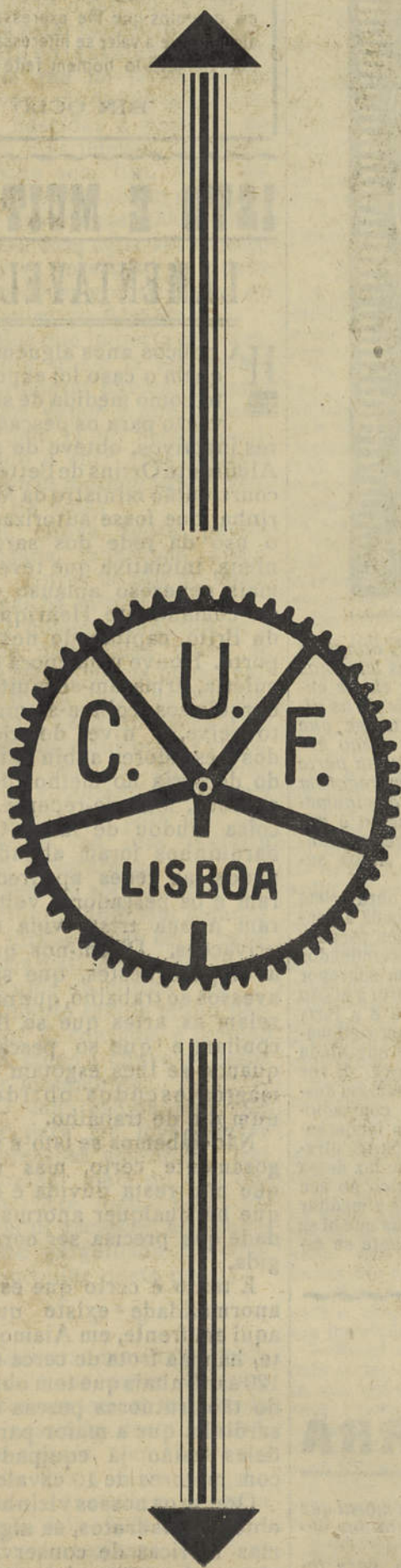
Telefones { Escritório, 69  
Residência, 98

Endereço Telegráfico  
ODEVEZA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# Companhia União Fabril

a maior organização industrial  
e comercial da Península



- Ácidos minerais
- Sulfureto de carbono
- Produtos químicos
- Superfosfatos
- Adubos
- Sulfato de cobre
- Enxofre
- Bagaços para alimentação de gados
- Insecticidas
- Óleos industriais
- Óleos comestíveis
- Azeites
- Sabões
- Velas
- Tecidos de juta e algodão
- Fio para ceifeiras-atadeiras
- Carpets e passadeiras
- Mangueiras
- Capachos de Cairo
- Sacarias diversas
- Metalurgia de ferro e aço
- Construção e reparação de navios

**Lisboa**

R. do Comércio, 49

**Porto**

R. Sá da Bandeira, 86

## ANTÓNIO JOÃO NORTA

Estabelecimento de  
MERCEARIAS  
LOUÇAS  
VIDROS

Mercado 1.º de Maio, 38  
Vila Real de Santo António

## TABACARIA - LIVRARIA FOTOGRAFIA HAVANEZA

Rua Teófilo Braga, 9  
TELEFONE 71

OS MAIS MODERNOS  
TRABALHOS EM FOTOGRAFIA  
Fotografando-se nesta casa  
empregará bem o seu dinheiro  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Um nome a fixar... CAFÉ RESTAURANTE JANELAS VERDES

A casa das boas tapas  
TELEFONE 206

DE  
**Luís Felix da Silva**

Rua de Aveiro  
Vila Real de Santo António

## Para uma Camisa Chic

SÓ

# Casanova

O CAMISEIRO  
DO HOMEM DISTINTO

TELEFONE 21457

Rua da Palma, 69 = LISBOA

## Francisco Alves Pessanha

TELEFONE 222  
Avenida da República, 66  
ÓLEOS E GAZOIL  
**ATLANTIC**  
Seguros em todos os Ramos  
Vila Real de Santo António

## MANUEL DA SILVA PENA & IRMÃO

MADEIRAS-FERRAGENS  
DROGAS - TINTAS  
ESTALEIRO DE CONSTRUÇÃO NAVAL  
TELEFONE 147  
Agente das acreditadas tintas  
**ROBBIALAC**  
Vila Real de Santo António

À venda no

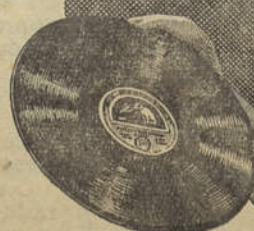
## BAZAR VITÓRIA

DISCOS-RÁDIOS  
AS ÚLTIMAS NOVIDADES E  
AS MELHORES MARCAS

TELEFONE 257  
Rua do Comércio  
OLHÃO



"HIS  
MASTER'S  
VOICE"



## CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

### DESTRUIÇÃO

NA medula de tudo se instala o micróbio da destruição: o do ferro é a ferrugem, o da madeira o caruncho, o do pano a traça, o das provisões o bolor, o do cadáver o verme, o da vida o tempo, o da seara o joio, o das montanhas a gota de água em pedra dura, o do rebanho a fome do lobo, o da estrada o rodado dos carros, o do motor o uso, o da ponte a cheia, o da calçada a bota cardada do homem, o do amor o hábito, o do hábito a morte, o da morte a vida.

Na natureza, nada se perde nem nada se cria, tudo se destrói. Quanto ao homem, destrói, e... destrói-se. Vê a construção que adora e afunda-se na destruição que detesta.

### CRUELDADE

PARA lobo que adoça, se fira, ou fique manco, os demais lobos não têm sombra de contemplação. Sobre ele cai a alcatéia, e dele faz banquete.

Os homens são mais cruéis que os lobos. Nem esperam que o seu semelhante adoça, se fira, ou coxeie. Procuram comê-lo, mesmo sãozinho... Questão é de o apanharem a jeito.

### MODÉSTIA

CERTO escritor, abrindo livro de sua autoria, faz a declaração de que nesse livro nada lhe pertence, a não ser a prosa e os comentários: «Se houver erros, não me devem ser endossados. Se a sua leitura entusiasmar o leitor, também glória me não cabe, que só pode haver justa glória, onde exista criação pessoal, e eu não critei nem inventei coisa alguma. Li, juntei, copiei, dando-lhe forma...»

Antes disto, afirmara: «A prosa, porque é má, pertence-me; os comentários, porque são meus».

Pusêmo-nos a parafusar, se isto seria atitude de modéstia sem nódoa. Irá realmente alguém escrever um livro sabendo, de ante-mão, que não traz nada de novo e que, para cúmulo, exprime em má prosa o que repete, fazendo péssimos comentários sobre o que transcreve?

Naquela presunção de modéstia, não se ocultará diferente propósito?

## O ALGARVE AGRÍCOLA

Acerca do estado das searas na nossa província publica o «*Jornal da F. N. P. T.*» as seguintes informações:

«Com excepção dos primeiros dias de Abril em que as geadas e os ventos frios se fizeram sentir de maneira prejudicial, principalmente para os trigos temporões, o tempo tem decorrido favorável para as culturas, mantendo-se a expectativa dum bom ano cerealífero.»

As chuvas da 2.<sup>a</sup> quinzena de Março, aumentaram o teor em humidade do solo, todavia insuficiente para as culturas da serra e das terras delgadas. A vegetação espontânea apareceu com abundância e, contra esse mal, os lavradores reagiram com mondas intensas.

Estão praticamente terminadas as sementeiras de milho de sequeiro».

## A VOZ DO PASSADO

(INÉDITO)

Espanha e Portugal são dois vizinhos,  
De fronteiras comuns e de amizade,  
Na mesma faixa cantam passarinhos  
Doces canções de amor e de saudade.

Refresca a chuva a erva dos caminhos  
E a voz do povo toma imensidade:  
As folhas leves que circundam ninhos  
São carícias da pobre Humanidade.

Garcias ou espinhos disfarçados?  
Farrapos de esperanças ou descrença,  
Utopias de velhos dementados?

A Espanha solicita Gibraltar,  
Os portugueses querem Olivença...  
— E assim andamos todos a sonhar!

MARCOS ALGARVE

## UM LIVRO DE ONTEM E DE HOJE A GUERRA E A PAZ

POR RODRIGUES PENA

Nem sempre possuímos tempo livre para nos dedicarmos a longas leituras. Daí a nossa preocupação de escolhermos obras que satisfaçam estes dois objectivos: recompensar o nosso tempo e enriquecer, duma ou outra forma, o nosso espírito. Apesar do grande número de livros de ficção que ostenta a literatura mundial, as boas obras são bastante raras. E por favor, não nos acusem de exigentes ou pedantes. Se, na nossa vida contássemos com muito tempo livre talvez nos abalancássemos a alargar o nosso critério de escolha de livros; assim, toda a selecção se nos afigura de primordial importância.

«A Guerra e a Paz» de Leão Tolstói é, certamente, uma das obras fundamentais da literatura que urge conhecer. Não se perde o tempo em devassar as páginas desse místico que possuía em tão elevado grau o domínio da realidade. Já alguém disse, que Tolstói foi o primeiro romancista a introduzir na literatura russa o verdadeiro *mujiik*. O Tolstói ficcionista supera de longe o místico, o filósofo e o doutrinário. E em «Guerra e Paz», Tolstói atinge a máxima grandeza e plenitude do seu génio. Dir-se-ia que Tolstói se esqueceu de todas as suas ideias, de todos os seus preconceitos e crenças para se debruçar atento na corrente da vida. Pode-se discordar da sua concepção dos acontecimentos históricos, encontrar prontos argumentos para contrariar o fatalismo da sua tese das vagas do ocidente para o oriente, e do oriente para o ocidente; discordar da crença que os homens são conduzidos pelo acaso nos seus actos e acções; mas o que já é mais difícil negar é a sólida estruturação das suas personagens, a veracidade dos largos quadros que nos faz dum exército em campanha, dos sofrimentos da guerra, das ilusões e desesperos dos homens. Em todos esses aspectos; Tolstói é na verdade um extraordinário e insuperável mestre. Jamais qualquer escritor soube descrever com tão vivo fulgor as alegrias, serenidades e inquietações da juventude; a febre excitante de viver, o calor e angústia dos jovens que se iniciam na estrada da existência.

As descrições na casa dos Rostov, principalmente o retrato que nos oferece de Natacha, são páginas, sem dúvida, das mais apaixonadas e encantadoras que se pode exigir dum artista. Nesse céu puro da juventude ainda não turvado pelas sombras e nódoas que a vida se encarregará de acumular, tudo o que é digno e belo resplandece a uma luz viva, empolgando os nossos corações; lembrando-nos de todos os sonhos cáldidos e serenos duma vida ainda não agitada ou corrompida pelas lutas do mundo. Ninguém mais amou e sentiu a alegria da juventude do que esse místico e asceta. O pagão sobrepe-se ao místico, como o homem da terra se impõe ao aristocrata. Realmente custa acreditar que um homem saído das camadas privilegiadas dos grandes terratenentes soubesse introduzir-se tão fielmente na consciência e vida dos humildes. Afirma-se que «A Guerra e a Paz» é um livro pessimista. E-o, sem dúvida, até certo ponto. Mas negamo-nos aceitar as considerações a que alguns leitores chegam, vendo nessa obra exclusivamente uma experiência de desenganos ou desilusões.

O livro de Tolstói é também uma bela e indesmentível afirmação da vida. O príncipe André, uma das personagens mais inquietas e torturadas de toda a obra, ao debruçar-se sobre o berço onde dorme o seu pequeno filho, arranca da sua alma angustiada este sombrio pensamento: *E saber eu que se nasce para enganar, ou para se ser enganado.* Mas já noutra passagem, Pedro, lembrando-se da sua crua experiência, vacilando num problema de dúvida, assaltado por pensamentos derrotistas, exclama: *Não sou culpado de viver, de querer viver, nem vós tão pouco.* Mas não é só o problema da existência que Tolstói coloca: as suas personagens buscam também inafatigavelmente a razão do destino. A vida acaba por trinar da morte. Os que morrem sem verem as suas aspirações realizadas descançam as suas esperanças nas gerações novas que emergem à superfície da vida. A existência é como um grande rio onde os próprios destróios dos que não venceram teem a razão de existirem. Não se devem condenar os esforços dos homens, não se devem condenar os seus próprios fracassos, eis o que o escritor se empenha em dizer-nos.

O seu reformismo religioso arrasta-o até às paragens longínquas que dos que sonhavam nas

catacumbas a reabilitação dum mundo desencaminhado e corrompido. E o apologeta da simplicidade na vida, o poeta das pequenas alegrias e das pequenas satisfações. A consciência de Pedro não se esclarece através do contacto dos homens sábios, ou pelo meio dos livros, mas ilumina-se ao ouvir as palavras saídas da boca dum homem simples e ignorante. Certamente que, há muito que regeritar na sua obra; de longe a longe, lá se encontram as ideias filosóficas de Tolstói a ensombrar um pouco a realidade

como o escritor trata os problemas da história. Sem entrarmos em descabidos pormenores ou inúteis controvérsias, transcremos o seguinte período que a historiografia moderna certamente não engeitará: *Para estudar as leis da história, devemos transformar inteiramente o objecto da observação, deixar os reis, os ministros e os cabos de guerra em paz; e estudar os elementos comuns, infinitamente pequenos, que determinam as massas. Ninguém pode dizer até que ponto a história poderá, se*



TOLSTOI (Grav. de M. Cabanas)

de. Mas, concorde-se, que muitos dos problemas simples que Tolstói aponta ainda não encontraram adequada solução. A solução desses problemas que muitos ainda consideram grosseiros e os parvenus acham impróprios para servirem de tema de discussão, constituem ainda hoje a preocupação premente de milhões de homens... Quem tem asseguradas essas necessidades não podem efectivamente preocupar-se com tais problemas; a sua atenção é reclamada para as questões ditas mais elevadas. E' essa simplicidade de vida e de problemas que as palavras de Pedro Bezukhov traduzem muito significativamente: *Agora, e pela primeira vez, compreendia o prazer de comer quando se tem fome, de beber quando se tem sede, de dormir quando se tem sono, de se aquecer quando está frio, e de conversar com um homem quando se carece de ouvir uma voz humana.*

Concorde-se que, para uma vida humana subsistir pouco mais necessita do que aquilo que está exposto nestas linhas. Um dos pontos mais criticados é a manei-

guindo esse caminho, atingir a compreensão das suas leis, mas é evidente que só por ele se encontra a possibilidade de as alcançar, dependendo notar-se que em tal sentido que a razão humana não fez a milésima parte dos esforços que se empregaram a descrever os actos dos inúmeros reis, cabos de guerra e ministros, e a desenvolver as considerações que tais actos sugerem.

Até nesse ponto, a obra prima de Tolstói está muito mais adiantada do que muitos dos pseudo-historiadores de determinados sectores que procuram sobrepor o génio individual, o herói à acção dos povos. «A Guerra e a Paz» constitui ainda hoje, um rico manual dos problemas que ainda se agitam na nossa época. E aos leitores que se preocupam em descobrir e salientar as contradicções do autor, as suas incoerências, nós pela nossa parte, diremos, que é tudo isso que faz dessa obra um livro único, rico no seu abstracto, levando-nos a meditar nos múltiplos problemas que aí se debatem ou simplesmente se esboçam.

## PELOS POBRES

### DA NOSSA TERRA

NÃO será descabido lembrar que só a boa-vontade de todos nos trará a consolação de ter bem comprado, pois que todos devem deixar após si algo que justifique a sua passagem pela terra.

E assim, verdadeiramente irmanados, vamos tentar oferecer aos desprezados, na última etapa da sua vida ou consumidos pela doença, a certeza de não estarem desamparados; fazer-lhes sentir que há alguém que, movido pelo amor de Deus, vai esforçar-se por dar, a quem nada possui, pelo menos o conforto dum lar, de uma casinha modesta, mas donde ele não possa ser escorraçado. Ali, poderá descansar das cansaças da vida e, finalmente, fechar os seus olhos com o pensamento no Criador.

Poesia, dirão alguns espíritos fortes. No entanto, a realidade mostra-nos que a humildade também é força, força de oriente divina, que arrasta os crentes para uma vida de amor, de paz íntima e de confraternização. Quanto dinheiro mal gastou, quantas despesas supérfluas que, convertidas em amor do próximo, dariam aos vindouros a expressão exacta do amor

crístão e da elevação moral que ornava o temperamento dos antepassados!

Apelamos, portanto, para todos os conterrâneos que aqui vivem; para aqueles que, forçados pelas circunstâncias, tiveram de abandonar este querido torrão e a quem a saudade faz suspirar por tudo quanto se relaciona com a vida da nossa terra. Todos podemos colaborar na mesma obra meritória. A Conferência de S. Vicente de Paulo, desta freguesia, espera a esmola de todos, para tornar realidade um projecto que modificará a vida desses necessitados mendicantes, que constituem a vergonha da nossa época.

Procuremos que todos, em suas casas, tenham ao menos um prato de sopa como alimento e um tecto decente que os cubra, porque a miséria de um é a miséria de nós todos, se alguma coisa não fizermos para dar-lhe lenitivo. E' esse o nosso objectivo, prezados conterrâneos, e por isso a Conferência de S. Vicente de Paulo aguarda, confiante, que lhe trareis a vossa colaboração material, sem demora, dando-lhe a vitalidade de que carece para actuar eficazmente.

OS VICENTINOS

## GAZETILHA

## ANIVERSÁRIO

Calado? Quem ficaria nesta data, neste dia de festança na gazeta? Só se o facto, extraordinário, do primeiro aniversário não passasse de uma treta...

Tal não sucede porém, todos sabem muito bem o que de esforço é preciso para, num ano inteirinho, ter a folha em bom caminho e conservar o juízo!

O «rebento», este «Notícias» faz da «família» as delícias, pontual, pleno de agrado, paga, assim, o trabalho da sua manutenção aos que o teem amparado...

Que continue de saúde e defendendo a-miúde o que ao rincão diz respeito, eis os votos que lhe expressa alguém que a valer se interessa por conhecê-lo homem feito!

BIN OCLO

## ISTO É MUITO

### LAMENTÁVEL!

HÁ poucos anos alguém a quem o caso foi exposto como medida de salvação para os pescadores inactivos, obteve do sr. Almirante Ortins de Bettencourt, então ministro da Marinha, que fosse autorizado o uso da rede dos sardinhas, iniciativa que teve o mais generoso aplauso do sr. comandante Henriques de Brito, capitão do nosso porto. Houve uma época de euforia; armaram-se muitos barquinhos, colheu-se muito peixe, o nível de vida dos pescadores subiu e tudo decorria no melhor dos mundos. Mas, de repente, a coisa mudou de face. Os barquinhos foram abandonados, as redes apodreceram e os pescadores voltaram a sua triste vida de privações. Dizem-nos que a culpa é destes, que são avessos ao trabalho, que não zelam as artes que se lhe confiam e que só pescam quando se lhes esgotam os magros escudos obtidos num dia de trabalho.

Não sabemos se isto é rigorosamente certo, mas do que não resta dúvida é de que há qualquer anormalidade que precisa ser corrigida.

E tanto é certo que essa anormalidade existe que, aqui em frente, em Aiamonte, há uma frota de cerca de 120 sardinhas que tem obtido tão frutuosa pesca de sardinha que a maior parte deles estão já equipados com motores de 10 cavalos.

Ora, se os nossos vizinhos obtêm bons frutos, se algumas fábricas de conservas aiamontinas têm laborado à base da pesca dos pequenos barquinhos, não atinamos porque não podemos fazer o mesmo.

Não está certo, nem é decente que andem por aí indivíduos a vadiar e a lamentarem-se da sua miséria quando podiam honestamente e com proveito público ganhar o seu pão.

Achamos que se faça uma tentativa com os sardinhas e que se exerça atilada vigilância para se exigir da autoridade marítima a punição dos desonestos. Porque não faz sentido que se desaproveite uma actividade compensadora só porque um certo número de indesejáveis contamina os restantes com hábitos censuráveis de rapina e de preguiça.

## DIA DE CHUVA

ACABO de chegar ao café amigo e costumeiro de todas as manhãs. Maquinamente penso em escrever e, já de papel sobre a mesa, procuro o assunto ao acaso. Através da montra lanceio a rua onde, com lentidão irritante, cai uma chuva miudinha... doentia... nostálgica...

Na mesa do lado, um grupo de pintores discute animadamente.

Entre mim e o que queria escrever interpõe-se esta manhã de Março invernos. O pensamento arrastado por esta ideia não me sugere o assunto dum artigo. Sinto-me mal. Estou psicologicamente doente.

Sobre o asfalto da rua devem estar caindo milhões de pequenissimas gotas de água que há pouco, foram nuvens vindas de muito longe, nascidas à custa de algum mar imenso, de algum oceano sem fim. Sem saber porquê, penso no destino das coisas! Dentro de horas essa água vai concentrar-se no esgôto da cidade e fornecer grosso caudal ao Caneiro de Alcântara!

Mas que importa esse destino a quem já foi onda a atormentar navios; a quem já foi vapor tenue e puro; a quem já foi nuvem ocultando o sol? Que importa a morte a quem soube vencer na vida?

A chuva agora parece cansada, monótona, apática. Antes de cair no asfalto cai na minha alma.

O homem identifica-se à água que umas vezes se abandona morna na paz calma duma praia da Flórida, beijando suavemente a areia dourada, e que outras vezes, ferida pelo sol equatorial, se ela revoltada numa ansia de vingança, para cair impotente, na luta inglória com a Natureza.

Idealiso ser uma partícula líquida dum mar gigante. Lá fora a chuva cai e parece marcar, pesadamente, os minutos da minha vida.

Quanto tempo tenho perdido! E, contudo, é forçoso que, como a chuva eu saiba cair lentamente.

O café asfixia-me! Vou sair para me lavar destas impressões sombrias. Irei trabalhar mais do que ontem. Até logo. Logo virei aqui escrever, afogando, numa gargalhada límpida, a morbidez desta prosa.

Encontro-me novamente no café, entregue a outros pensamentos e esquecido do pesadelo desta manhã. Um cigarro, uma «bica» e a ideia duma série de projectos, constituem agora a minha felicidade.

Coisa curiosa! Lá fora continua a chover para arrelia das meninas Coisas que não encontrarão, no sobe e desce do Chiado, quem lhes atire um galanteio banal!

Os meus projectos são o objectivo da minha vida e só me lembro deles quando chove. Por isso, esta manhã, saltei desta gaiola envidraçada onde se pensa mais do que se bebe e corri, alheio ao estado do tempo, para meter mãos a uma obra que trago esquecida, cantarolando intimamente uma canção de felicidade.

O pobre também pode ser feliz! Julgo mesmo que a pobreza não tem valor absoluto. E nisto estou de acôrdo com Alexandre da Condição—o poeta que melhor sentiu os preconceitos sociais—e que se julgava ri-

## RECORDANDO

Por MANUEL DOS SANTOS CABANAS

FOI no dia 18 de Novembro de 1945. Realizavam-se neste dia, as eleições gerais para deputados à Assembleia Nacional.

Chuvia torrencionalmente, desde manhã.

Eu assistia, ao decorrer do acto eleitoral, que funcionava no átrio da Câmara Municipal, quando aí pela meia tarde, pouco mais ou menos, se aproximou da mesa, um velho já decrépito, alto, magro, com a cabeça toda branca, que dirigindo-se ao presidente, disse:

— V. Ex.<sup>a</sup> dá-me licença?

— Faça favor de dizer, — disse este.

— Há mais de uma hora que estou aqui a ouvir a chamada, e ainda não ouvi pronunciar o meu nome. Não poderia V. Ex.<sup>a</sup> fazer-me o favor de me informar se estou inscrito nos cadernos eleitorais?

O presidente interrompe os trabalhos, e pergunta:

— Como se chama?

— Mário da Silva Gayo.

A um sinal do presidente os indivíduos que compunham a mesa e que faziam a chamada, começaram a procurar nos cadernos.

Na sala fez-se silêncio absoluto, apenas interrompido pelo barulho característico produzido pela passagem das folhas dos cadernos que os homens manuseiam, e de vez enquanto, pelos passos apressados de pessoas que na rua, fugiam à chuva, que teimosamente, continuava a cair.

Toda a assistência, suspensa, fixa os olhos no nobre velho, que indiferente aguarda o resultado de silenciosa pesquisa.

Em mim o facto produziu um maior interesse que a simples curiosidade de saber se o homem estava inscrito ou não.

Ao ouvir pronunciar o nome de «Mário da Silva Gayo» à minha memória ocorreu repentinamente, a lembrança de que este nome incluía, ao mesmo tempo, o título de um livro e o nome do seu autor.

Seria isto pura coincidência, ou de facto, aquele homem que tinha na minha frente, pertencia à família do Dr. António da Silva Gayo, autor do célebre romance histórico, «Mário», obra prima da nossa literatura?

E enquanto os homens da mesa se ocupam da procura, o meu espírito alheado, estava longe de ali, embrenhado nos meandros complicados do pensamento, quando o silêncio foi cortado pela voz do presidente, que dizia:

— Não senhor, V. Ex.<sup>a</sup> não está inscrito.

— Tenho pena, — disse o velho, — porque eu desejava votar. E depois de uma pequena pausa, continuou:

— E no entanto, sr. presidente, eu devia estar inscrito, visto que resido no B... há mais de dois anos. Mas paciência. Contra factos não há argumentos.

— Mas V. Ex.<sup>a</sup> pode requerer para o ano, na época própria, a sua inscrição.

— Muito obrigado a V. Ex.<sup>a</sup> pelo esclarecimento, sr. presidente, mas não vale a pena. Tenho 81 anos, e nesta idade já se não pode contar com o dia de amanhã. Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, nem todos os anos há eleições, e quando as houver, daqui por três anos, já não sou concerteza vivo. Isto está acabado, sr. presidente.

E despediu-se cortezmente.

Tive a impressão de que aquela voz triste e quebrada do nobre ancião, ao considerar mortas todas as esperanças, era um dobre de finados.

A proporção que falava, sem gestos, com uma serena distinção

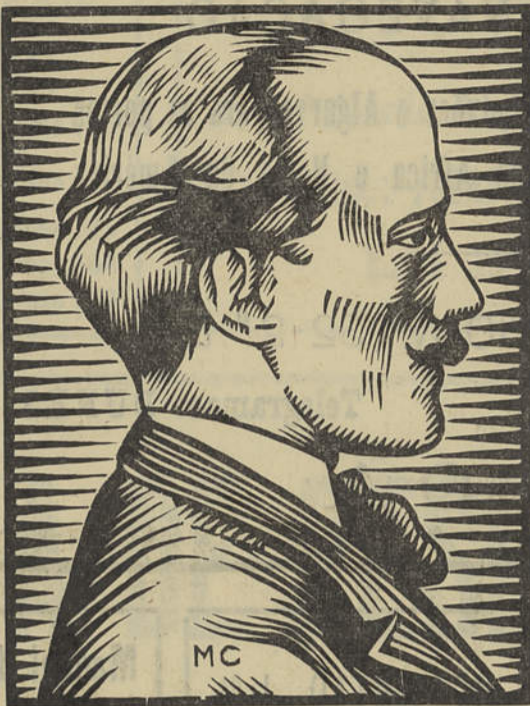
co... de muita esperança, muita honra e muito coraçãõ.

A maior riqueza não está em acumular milhões. A maior riqueza está na dose de confiança que possamos ter em nós.

Hoje os meus passos foram decididos, forte a minha vontade e... brutal essa minha confiança. Sinto que é esta que perdura. Eu posso... Eu quero...

Amanhã, se fizer sol, e se a minha vontade vacilar, insulto-a.

J. Silva Garvalho



Dr. António da Silva Gayo

(Gravura em madeira de M. Cabanas)

que tornava ainda mais glacial a expressão das suas palavras, eu ia-me sentindo pouco a pouco inundado por uma melancolia fina e penetrante. Não sei porquê, lembrou-me aquela chuva miudinha que alaga e gela mais que a grossa torrente de aguaceiros, mas que a gente quase que não vê, nem sente cair.

E o acto eleitoral recomeçou, com a chamada monótona, cadenciada, de fulano, beltrano, cicrano, a arrastar-se vagarosamente, enquanto o nobre velho se dirige à porta, onde se deteve a olhar tristemente para a rua, ainda encharcada das últimas bategas de água que tinham caído.

Instintivamente, movido pelo interesse que o incidente tinha despertado em mim, saí de onde me encontrava e dirigindo-me a ele, fiz-lhe uma vénia, e disse-lhe:

— Desculpe-me incomodá-lo, V. Ex.<sup>a</sup> dá-me licença que lhe faça uma pergunta?

— Pois não, — disse. Faça favor de dizer.

— Não sei porquê, bacoreja-me que V. Ex.<sup>a</sup> pertence à família do Dr. António da Silva Gayo, autor do romance Histórico «Mário». Estarei enganado?

— Não se enganou. Sou filho. E depois de breve pausa, continuou: — Não pode imaginar o bem que me está fazendo. Pois há aqui, quem se lembre do nome de meu pai, e conheça o seu livro? Bendito seja Deus, como estou sendo compensado de tanta e tanta amargura que tenho sofrido!

— Como vê, pelo menos aqui há uma pessoa a quem o nome de Silva Gayo, não passou despercebido: eu.

— Muito obrigado pela alegria que me acaba de dar.

— Não tem nada a agradecer-me. Eu é que agradeço à Providência, o ter-me trazido aqui hoje, para ter a honra de o conhecer.

E estendi-lhe a mão, apertando a sua cordialmente.

— Muito e muito obrigado pelas suas palavras.

— V. Ex.<sup>a</sup> nada tem de me agradecer, porque o agradecido sou eu.

Ficou por momentos calado, e depois continuou:

— Meu pai era lente da Escola Médica de Coimbra. Muito novo ainda, contrau uma tuberculose. Não podendo entregar-se ao estudo das ciências médicas e ao exercício das suas funções docentes, que mais lhe lembravam o que desejava esquecer, refugiou-se no Bussaco, e aí escreveu o «Mário», que afinal é a história da nossa família, perseguida pelo despotismo que antecedeu o triunfo da causa liberal, em 1834. O livro foi publicado em 1866, e meu pai faleceu em 1870, deixando dois filhos. Meu irmão Manuel, que foi também lente em Coimbra e eu, que sou engenheiro industrial e segui a carreira das armas.

E depois de curta interrupção, em que procura dominar a comoção que lhe embarga a voz, continuou:

— E ainda o senhor não sabe, que fui eu, quem deu o nome ao livro!

— Sei, sei. É o pai de V. Ex.<sup>a</sup> quem o afirma, na carta-dedicatória que dele faz a D. Emília Pardes, sua mãe, quando diz: «No homem, em quem tentei personificar a ideia liberal, como a compreendi, encontrarás o nome do nosso Mário». Creio que é isto que ele diz.

— E' assim exactamente. O sr. tem boa memória.

— Nem por isso, — respondi. — Eu é que gosto muito do livro e tenho-o lido muitas vezes.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

## TRIBUNA DOS NOVOS

## A NOITE QUE NÃO EXISTIU

O FIM da tarde foi frio e com uma chuva miudinha a bater-nos no rosto. Mas, quando a noite tomou o lugar do dia, miríades de estrelas apareceram no firmamento e a lua derramou sobre a terra a sua pálida claridade.

Encontro-me só, vagueando sem destino pelas ruas da nossa terra. Até mim chega o som de um sino que repica. E como que trazido por esse som, um cheiro a maresia que aspiro com delicia.

Continuo a andar, imerso nos meus pensamentos. Lá no cimo, a lua esconde-se atrás de uma nuvem, mas depressa volta a acompanhar-me no meu passeio.

De repente sou despertado por uma voz triste que entoava uma canção nostálgica. Vinde não sei donde, ouço uma guitarra que geme. Paro e começo a assobiar baixinho. A voz afasta-se pouco a pouco. Também já não ouço a guitarra, e um silvo agudo que me fere os tímpanos vem, mais uma vez, mudar o curso dos meus pensamentos.

E' um curioso concerto de ruídos. Cães que ladram, gatos que miam, o comboio que apita, uma voz estridente que grita.

Como uma orquestra que toca um swing, depois de uma guitarra nos ter feito chorar.

Tapo os ouvidos, numa tentativa para fugir a esta amálgama de sons. Quando os destapo já tudo voltou à normalidade. Só lá ao longe o rodar do comboio persiste em perturbar o silêncio da noite, enquanto o farol continua, com o seu facho, a devassar as trevas que envolvem a terra.

Insensivelmente dirijo-me para a zona do porto. Nenhum ruído quebra o silêncio que me envolve. A meu lado, pois monstros de aço dormem com as suas lanças viradas para o céu. Passo junto a uma fila de vagões e uma voz

V. R.

sauda-me com umas boas noites a que respondo.

Abandono estas paragens e viro ao primeiro canto que encontro. Ao passar por uma taberna, vêm até aos meus ouvidos umas vozes bastante entarazeladas que se esforçavam por cantar um fado.

Entretanto a lua deixa de me acompanhar, e as estrelas escondem-se atrás de espessas nuvens negras. A chuva, primeiro em pequenas gotas e depois em grossas bategas, obriga-me a andar mais depressa. Entro no «café». A atmosfera está pesada do fumo dos cigarros. As conversas a meia voz fundem-se no ar. Uma canção francesa, cantada por uma voz quente e sensual é-nos trazida directamente de Paris pela T. S. F. Sento-me a um canto, peço um café e começo a escrever a história de uma noite que não existiu.

Estas breves e desligadas notas não têm a pretensão de roteiro típico da capital. Contam apenas como observações de acaso, encontros eventuais com o pitoresco dos bairros, impressões recolhidas no gasto «dia a dia»...

MANHÃ d'oiro no estuário do Tejo. A toalha líquida está serenamente calma. Os raios do sol no espelho cristalino produzem reflexos estonteantes. Subo ao convés. Do lado esquerdo, os estaleiros navais da marinha e um pouco mais adiante, a alastrar-se como nódoa de azeite, Almada, a moderna, progressiva e residencial vila-cidade. A' direita, muito ao fundo, o campo de aviação da Base Aérea Sacadura Cabral. Fica-nos nas costas, o Barreiro, importante centro fabril dominado aqui e além por espessa fumarada.

A manhã está agradavelmente linda. Passam por nós, fragatas vazias, arrastadas em comboio por um rebocador. Os cães desses transportes fluviais ladram furiosamente e os tripulantes saudam-nos agitando os pesados bonés. Duma boia de sinalização levanta vôo um pássaro negro. Aqui e além surgem golfinhos que se mostram a intervalos regulares. Estas manhãs no rio tem um estético e delicado sabor e só a sua repetição nos embutou o espírito e definiu a sensibilidade.

Quando chegamos ao leito do rio propriamente dito, onde a corrente é mais rápida, a superfície aquática encrespa-se ligeiramente. Ai, em manhãs límpidas como esta, divisa-se a cidade de Cabo Ruivo a Belém. O Panteão, o castelo, o zimbório da Basílica da Estrela e o Palácio das Necessidades dominam a mole imensa do casario. Mãos dadas com o rio, o Cais de Santa Apolónia, o equilibrado Terreiro do Paço, as muralhas de ataque da Ribeira Nova, Santos e Alcântara com navios das mais várias origens e procedências, e muito ao fundo, a esfumar-se, a delicadeza rendilhada da Torre de Belém. Prédios velhos, mas eloquentes, a que o sol empresta e realça o ar pretensamente juvenil. Cintilações de luz nos vidros das janelas produzem reverberos incandescentes. Foi uma visão como esta, mas vindo da barra, que um dia deslumbrou Lorde Byron. Decepçionou-o depois a sufocação aglomerada das casas e das ruas, talvez por não ter auscultado a alma da cidade e compreendido o nosso temperamento de povo do meio-dia.

Primoroso cartão de visita que a urbe nos oferece, com majestade, beleza e todo o pictorismo da beira-rio.

Carlos Machado

SÍNTESE

Meus Versos são farrapos triturados Da alma ainda em flor. Neles ficou A saudade dos sonhos que sonhou, Dos anseios pela vida destruídos...

Gritos inútilmente ao ar lançados!... Cinzas de tanto lume que queimou!... Quando os escrevi meu coração sangrou E o fel escorreu dos olhos macerados.

Só vós, almas cansadas de sofrer, Que tendes fome e sede de viver E vedes a esperança já perdida,

Só vós que suplicais a paz dos céus, Podeis compreender os versos meus, Chorar com eles sua dor sentida.

HORTENSE MARQUES

TEATRO

O Grupo Cénico «Gil Vicente», privativo do Glória Futebol Clube, leva a cena no próximo dia 22 do corrente um agradável espectáculo composto pela comédia «Quem desdenha...», original de M. Pinheiro Chagas, pela divertida farsa «A Ordem é Ressonar» e por um animado fim de festa, em que colaboram algumas das melhores «vozes» da nossa terra.

No próximo número referir-nos-emos mais detalhadamente a este espectáculo.

DA CORPORAÇÃO

dos Bombeiros Voluntários

REALIZA-SE na próxima 4.<sup>a</sup> feira, dia 16, no Parque de Ins-tuição dos Bombeiros Voluntários desta vila, um espectáculo de variedades em que colaborarão, além de diversos artistas da Rádio, o famoso cantor Luís Piçarra.

O produto líquido deste espectáculo reverte a favor dos Bombeiros Voluntários desta vila, podendo fazer-se a marcação de lugares, no respectivo Parque, todos os dias, a partir das 18,30 horas.

QUANDO PESCAREMOS

Atum ao palangre?

A revista «La Pêche Maritime» inseriu a seguinte local: «A «Pacific Oceanic Fishery Investigation» do Hawaii, informa que as experiências de pesca do atum com palangre deram muito bons resultados. O novo palangre tem, por cada paneiro duas vezes mais anzóis do que o palangre de tipo japonês e que as linhas secundárias, ou braços, medem apenas 1<sup>m</sup>,85 de comprimento. Estes, são ligados à linha principal por meio de tornéis que evitam que se embarquem.»

Ocorre perguntar: quando fizermos um ensaio deste sistema há muito adaptado pelos japoneses?

## Festa em benefício

## DA CORPORAÇÃO

## dos Bombeiros Voluntários

REALIZA-SE na próxima 4.<sup>a</sup> feira, dia 16, no Parque de Ins-tuição dos Bombeiros Voluntários desta vila, um espectáculo de variedades em que colaborarão, além de diversos artistas da Rádio, o famoso cantor Luís Piçarra.

O produto líquido deste espectáculo reverte a favor dos Bombeiros Voluntários desta vila, podendo fazer-se a marcação de lugares, no respectivo Parque, todos os dias, a partir das 18,30 horas.

QUANDO PESCAREMOS

Atum ao palangre?

A revista «La Pêche Maritime» inseriu a seguinte local: «A «Pacific Oceanic Fishery Investigation» do Hawaii, informa que as experiências de pesca do atum com palangre deram muito bons resultados. O novo palangre tem, por cada paneiro duas vezes mais anzóis do que o palangre de tipo japonês e que as linhas secundárias, ou braços, medem apenas 1<sup>m</sup>,85 de comprimento. Estes, são ligados à linha principal por meio de tornéis que evitam que se embarquem.»

Ocorre perguntar: quando fizermos um ensaio deste sistema há muito adaptado pelos japoneses?

APONTAMENTOS CIDADINOS

Leitor:

Estas breves e desligadas notas não têm a pretensão de roteiro típico da capital. Contam apenas como observações de acaso, encontros eventuais com o pitoresco dos bairros, impressões recolhidas no gasto «dia a dia»...

MANHÃ d'oiro no estuário do Tejo. A toalha líquida está serenamente calma. Os raios do sol no espelho cristalino produzem reflexos estonteantes. Subo ao convés. Do lado esquerdo, os estaleiros navais da marinha e um pouco mais adiante, a alastrar-se como nódoa de azeite, Almada, a moderna, progressiva e residencial vila-cidade. A' direita, muito ao fundo, o campo de aviação da Base Aérea Sacadura Cabral. Fica-nos nas costas, o Barreiro, importante centro fabril dominado aqui e além por espessa fumarada.

A manhã está agradavelmente linda. Passam por nós, fragatas vazias, arrastadas em comboio por um rebocador. Os cães desses transportes fluviais ladram furiosamente e os tripulantes saudam-nos agitando os pesados bonés. Duma boia de sinalização levanta vôo um pássaro negro. Aqui e além surgem golfinhos que se mostram a intervalos regulares. Estas manhãs no rio tem um estético e delicado sabor e só a sua repetição nos embutou o espírito e definiu a sensibilidade.

Quando chegamos ao leito do rio propriamente dito, onde a corrente é mais rápida, a superfície aquática encrespa-se ligeiramente. Ai, em manhãs límpidas como esta, divisa-se a cidade de Cabo Ruivo a Belém. O Panteão, o castelo, o zimbório da Basílica da Estrela e o Palácio das Necessidades dominam a mole imensa do casario. Mãos dadas com o rio, o Cais de Santa Apolónia, o equilibrado Terreiro do Paço, as muralhas de ataque da Ribeira Nova, Santos e Alcântara com navios das mais várias origens e procedências, e muito ao fundo, a esfumar-se, a delicadeza rendilhada da Torre de Belém. Prédios velhos, mas eloquentes, a que o sol empresta e realça o ar pretensamente juvenil. Cintilações de luz nos vidros das janelas produzem reverberos incandescentes. Foi uma visão como esta, mas vindo da barra, que um dia deslumbrou Lorde Byron. Decepçionou-o depois a sufocação aglomerada das casas e das ruas, talvez por não ter auscultado a alma da cidade e compreendido o nosso temperamento de povo do meio-dia.

Primoroso cartão de visita que a urbe nos oferece, com majestade, beleza e todo o pictorismo da beira-rio.

Carlos Machado

SÍNTESE

Meus Versos são farrapos triturados Da alma ainda em flor. Neles ficou A saudade dos sonhos que sonhou, Dos anseios pela vida destruídos...

Gritos inútilmente ao ar lançados!... Cinzas de tanto lume que queimou!... Quando os escrevi meu coração sangrou E o fel escorreu dos olhos macerados.

Só vós, almas cansadas de sofrer, Que tendes fome e sede de viver E vedes a esperança já perdida,

Só vós que suplicais a paz dos céus, Podeis compreender os versos meus, Chorar com eles sua dor sentida.

HORTENSE MARQUES

**José Rodrigues Lima Centeno**

DESPACHANTE OFICIAL

Telefone n.º 167    Telegramas KELLERSHIP

Avenida da República, 71  
Vila Real de Santo António

**BAGÃO, NUNES & DUTSCHMANN, L.<sup>DA</sup>**

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

com carreiras regulares de Lisboa, Leixões e Algarve para os portos do Mediterrâneo, Levante, Norte de África e Norte da América

PRAÇA DO MUNICÍPIO N.º 32-2.º ESQ.

Telefones n.º 27.689 e 30.700

Telegramas: DUNES

**LISBOA**

**Salvador Valongo**

DESPACHANTE OFICIAL

PORTIMÃO

Sociedade Comercial Airi, Lda.

RUA TEÓFILO BRAGA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FAZENDAS-MIUDEZAS

A Casa que mais barato vende

**DOENÇAS DA PELE**  
SÓ TRÊS DIAS DE TRATAMENTO COM  
**PRODERMA**  
DEPOSITÁRIOS:  
Drogaria Rodrigues da Silva, L.<sup>da</sup>  
**COIMBRA**

Se V. Ex.<sup>a</sup> visitar em PORTIMÃO,  
o Salão de Chá e Pastelaria

**SALOMÉ**

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4-A, 6 e 8  
Tel. 85    PORTIMÃO

**José de Brito**

AGENTE DE NAVEGAÇÃO

Serviço regular e rápido de navios, para os portos do Mediterrâneo, Norte da Europa e Estados Unidos

Artigos para as Indústrias de Pesca e Conservas

Seguros - Trânsitos - Representações

TELEFONE 215  
Telegramas SOCIFAL

Avenida da República, 86  
Vila Real de Santo António

**EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS, L.<sup>DA</sup>**

Rua da Cascalheira, 33    Telefone 3 8008

(ALCANTARA) — LISBOA

Fábrica Portuguesa de tintas de impressão tipo-Litográficas, vernizes e massas para rolos

**Manuel da Silva Noy**

Reparações Rádio - Eléctricas



Accessórios para RÁDIOS E AUTOMÓVEIS

TELEFONE 118

Vila Real de Santo António

**Ourivesaria ALIANÇA**

Grande Fábrica de Artigos de Ouro, Pratas Cinzeladas, Jóias, Filigranas, Bronzes de Arte, etc. A MAIOR DA PENÍNSULA. Condecorada pelo Governo com a Ordem de S. Tiago da Espada, de Mérito Artístico em 1945

**CELESTINO DA MOTA MESQUITA**  
191 a 199, Rua das Flores, 201 a 211  
PORTO (Portugal)

Telef.: 22541    Teleg.: JÓIAS  
A QUE MAIS BARATO VENDE  
A QUE MAIS CARO COMPRA  
OURO - PRATAS - JÓIAS - RELÓGIOS

FILIAL EM LISBOA:  
Rua Garrett (Chiado), 50  
TELEFONE 23419

**A D U B O S**

SUPERFOSFATOS

15% e 18%

SULFATO DE AMÓNIO

DO

**AMONÍACO PORTUGUÊS**

NITROCALCIAMON — «COBELAZ»

com 20,5% de azoto nítrico e amoniacal, contendo cal

CLORETO DE POTÁSSIO

CIANAMIDA

**S A P E C**

GRANDES FÁBRICAS EM SETUBAL

DELEGAÇÃO DE LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 121, 1.º

Telefones 24121-24122-24123

Teleg. SAPEC — LISBOA

DEPÓSITO EM FARO

Largo de Camões, 10

Telefone 253

F A R O



**MONTEPIO GERAL**

(Associação de Socorros Mútuos Fundada por Empregados Públicos em 1840)

(Grã-Cruz da Ordem de Benemerência)

**CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA**

FUNDADA EM 1844

Fundos Permanentes — 209.049 contos

SEDE EM LISBOA E FILIAL NO PORTO

AGÊNCIAS EM ÉVORA, FARO E COIMBRA

**AGÊNCIA EM FARO**

(Edifício próprio ao lado dos Correios)

Recebe Depósitos à Ordem (ao juro anual de 2% até 10 contos etc.) e a Praso (1,5% ao ano a partir de 100 contos) e realiza as seguintes operações: Transferências de Numerário (a prémios reduzidos). Guarda de Valores na Casa Forte. Compra de Coupons, Empréstimos s/ Papéis de Crédito, Empréstimos Hipotecários s/ Propriedades Rústicas e Urbanas (em óptimas condições de juro e amortização) e

**EMPRÉSTIMOS SOBRE PENHOR**  
DE

**OURO, PRATA E JÓIAS**

ao juro de 8% ao ano (\$70 ao mês por 100\$00;  
1\$40 por 200\$00; 2\$00 por 300\$00 etc.)

**LEONEL R. AGOSTINHO**

Navios para transportes de carga entre Portugal, Espanha, Gibraltar e Marrocos

Telegramas SHIPPING

Telefone 30

Rua Conselheiro Bivar, 96 — FARO

**Sociedade Industrial de Vassouras SIV, Lda., Sucr.**

Fábrica de Vassouras de Piassaba e Palma — Escovas de Piassaba — Escovaria fina — Pincelaria fina, etc.

Teleg. SIV — S. JOÃO DA MADEIRA (Portugal) — Telef. 38

**FRIGORÍFICOS**

Para talhos, Cafés, restaurantes e domésticos  
Grandes facilidades de pagamento

Agência Comercial de Faro, Lda.

TELEFONES 76 E 113

FARO

Estabelecimentos **IMPÉRIO**

DE

**DIAMANTINO M. BALTAZAR**

**VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

Fazendas, Calçado e Merceria	Telefone 165
Mercearias, Tabacos, Combustíveis,	Telefone 45
Lubrificantes, Cervejas e Águas Minerais	
Café Restaurante Comercial	Telefone 125
Pastelaria Império	Telefone 186
Instalações de Gasóleo (Cais)	Telefone 120

Fomento Comercial de Papelaria, L.<sup>da</sup>

**PAPÉIS**

Av. António Augusto de Aguiar, 25

End. Teleg.: FOPAPEL Telef. 55865

**LISBOA**

**SANCHES & BARROSO, L.<sup>DA</sup>**

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Proprietários e Exploradores do CINE-FOZ  
Sub-Agentes depositários de Fibrocimento «NOVINCO»

Agentes depositários da Refinaria de Azeites SOFAL  
Correspondentes do BANCO LISBOA & AÇORES

AGENTES DE:  
NAVIOS DE CARGA, BARCOS DE PESCA E ARMAÇÕES DE ATUM

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.<sup>DA</sup>

AVEIRO - PORTUGAL

**Pesca do Bacalhau por Arrasto e Instalações de Secagem e  
Conservação de Bacalhau na Gafanha da Nazaré - Aveiro**

**Produtores de Óleo de Fígado de Bacalhau, Tipo Medicinal**

**PESCA LONGÍNQUA DO ATUM**

**PESCA DO ARRASTO**

Frotas de Arrastões de Bacalhau:

**“SANTA JOANA”, “SANTA PRINCESA”, “SANTA MAFALDA”,  
“SANTO ANDRÉ” e “SÃO GONÇALINHO”**

Frotas de Atuneiros: **“RIO VOUGA” e “RIO ÁGUEDA”**

Frota de Arrastões do Alto: **“RIO CAIMA”**

A ZULEJOS

LOUÇAS DECORATIVAS,  
SANITÁRIAS E DOMÉSTICAS

**FÁBRICAS ALELUIA**  
ALELUIA & ALELUIA

**AVEIRO**  
(PORTUGAL)

FÁBRICA ALELUIA (Fundada em 1905)

FÁBRICA GERCAR (Fundada em 1924)

Telefone: PBX 22-Telegramas: FÁBRICAS ALELUIA

ESCRITÓRIOS:

RUA e CANAL DA FONTE NOVA

**ESTÁ CONCLUÍDO!**

**Dicionário Técnico Poliglota**

POR M. DE MEDEIROS

Português-Espanhol-Francês-Italiano-Inglês-Alemão

O TRADUTOR EM SUA CASA  
com 131.000 TERMOS e EXPRESSÕES em cada língua

30 DICIONÁRIOS BILINGUES  
numa obra de consulta científica e profissional para  
todos os especialistas e produtores do mundo.

8 volumes com 7756 páginas por 2.790\$00  
pode recebê-lo adiantadamente por 100\$00 mensais

**Gomes & Rodrigues, Lda.**

Largo de D. Estefânia, 17 a 21 ♦ Rua das Picoas, 32 e 34

**LISBOA**

**Monteiro Guimarães,**

— Filho, Limitada —

86-RUA JOSÉ FALCÃO-96

— PORTO —

PAPÉIS-CARTÕES-CARTOLINA

Objectos de Escritório Nacionais e Estrangeiros

ARMAZÉM IMPORTADOR

Representantes exclusivos para Portugal e Império,  
dos Produtos de Toucador-Higiene e Beleza

**LA TOJA**

A grande marca de categoria internacional

# NITRATO DO CHILE NATURAL

(NÃO CONFUNDIR COM O SINTÉTICO)

Aubos mistos, Cloreto de Potássio, Nitro-Amo-  
niacal, Sulfato de Amónio e Superfosfatos.

## SULFATO DE COBRE E ENXOFRE C. U. F.

Antes de comprar, consulte sempre os preços e condições de:

**Guerreiro, Cabrita & Guerreiro, L.<sup>da</sup>**

**S. BARTOLOMEU DE MESSINES**

(CASA FUNDADA EM 1913)

Telefone: 5

Telegramas: GUERREIROS

MERCERIA E MARISQUEIRA  
DO GUADIANA

— DE —

Manuel Gomes Marcos

CASA DE PASTO

Mercearia e Vinhos

Rua da Princesa, 7

TELEFONE 148

Vila Real de Santo António

José do Rosário Campos

Agente das Máquinas  
de Costura HUSQVARNA

Mercearias, Fazendas, Calçado, etc.

Pólvoras Plásticas e Artificios  
da Fábrica Barcarena.

Rua Dr. Oliveira Salazar

CASTRO MARIM

Centro Comercial de Combustíveis, L.<sup>da</sup>

Sub-Agência da SACOR e GAZ-CIDLA

Avenida da República, 176-A Telefone 164

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Gasolina, Gasóleo centrifugado,  
Oleos, Petróleo e Gaz-Cidla

Material próprio para Gaz-Cidla como:

Fogareiros portáteis . . .	desde 100\$00
Palmatórias-fogareiro . . .	» 130\$00
Fogareiros . . . . .	» 400\$00
Fogareiro-fogão . . . . .	» 550\$00
Fogões . . . . .	» 1.400\$00
Esquentadores . . . . .	» 2.250\$00
Acumuladores de água quente »	1.800\$00
Frigorífico . . . . .	» 5.000\$00
Caloríferos . . . . .	» 2.650\$00
Bicos e queimadores . . . . .	desde 33\$00 e 95\$00

Quer cozinhar com rapidez, asseio e economia?  
Preparar um banho rápido e económico?

**Consuma GAZ-CIDLA**

que actualmente é o combustível mais económico e asseado.

Peça informações aos nossos consumidores.

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS

ELECTRO-BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRAC-  
ÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES

DRAGAS PARA EXTRAÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS

FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO

CANTONZEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.

CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO

BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREAIS

Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins

Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras

EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:

**Agência Comercial e Marítima do Sul**

Tele. for 16 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Castro Marim

Vende-se duas moradias  
no melhor local, grande quintal,  
e poço.

Informa: João Caldeira,  
Guarda Fiscal — Vila Real  
de Santo António.

## SENHORES ARMADORES!

O seu barco precisa de ser reparado ou limpo?

NÃO HESITE

Entregue-o aos cuidados do construtor naval

## ANTÓNIO PENA

Só no PLANO INCLINADO PENA, receberá todas as benefi-  
ciações necessárias, com a máxima rapidez e economia

Avenida da República — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Casino da Manta Rota

A Junta de Turismo de Vila Nova de Cacela, re-  
cebe propostas, em carta fechada, para o seu arren-  
damento durante a época balnear de 1954, deven-  
do as mesmas serem entregues até ao dia 15 do  
corrente mês.

Vila Nova de Cacela, 4 de Junho de 1954.

O Presidente da Junta de Turismo,

a) *Hilderico do Nascimento Pires*

## João Bernardino Pires

PROPRIETÁRIO — COMERCIANTE

Telefone n.º 4 Telegramas JOBENAPI

VILA NOVA DE CACELA

EXPORTAÇÃO DE:

Amêndoas, Figos e Miolo de Amêndoa

Alfarroba inteira, triturada e farinada e caroços de Alfarroba

BARCOS DE PESCA:

«Pérola do Guadiana», «Janita», «Renato» e «Victor»

CEREAIS - AZEITES

LAGAR HIDRAULICO DE AZEITE

## Moagem de Cacela, L.<sup>da</sup>

FARINHAS EM RAMA

Trigo, Milho e Centeio

TELEFONE 5

VILA NOVA DE CACELA

## Lúcio Guerreiro Lopes

CARPINTARIA E MARCENARIA

Estrada Nacional - VILA NOVA DE CACELA

*Holland-America Line*



AGENTES GERAIS  
CARLOS GOMES & C. L.<sup>da</sup>  
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA  
TELEF. 21143/21789

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOAL-  
COS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MO-  
BILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

**“AKKRUMDYK”**

carrega em LISBOA em 14 de JUNHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve,  
via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San  
Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 24 de Junho

## R. Durão Rodrigues & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>

ARMAZÉM DE PAPELARIA

FÁBRICA DE ENVELOPES E CARTONAGEM

CAIXAS DE CARTÃO CANELADO (Sistema Americano)

375, R. António Carneiro, 381 — PORTO — Telefone 5131g

CASA DIAS

— DE —

José Pacheco Dias

CASTRO MARIM

Lanifícios, Fazendas,  
Calçado, Chapelaria  
e Mercearias

Bicicletas de todas as  
marcas e motorizadas.

UTILIDADES

Vendas a pronto e a prestações

TELEFONE 8

Casa de Bicicletas

— DE —

ANTÓNIO CLÁUDINO

TELEFONE 31

VILA NOVA DE CACELA

Bicicletas Motorizadas

ALPINO e ALMA

Venda de Acessórios

Reparação de motorizadas e pinturas

Prefira sempre os seus Seguros num bom  
Agente e numa boa Companhia, para segu-  
rança das suas apólices.

PROCURE

## ANTÓNIO SOARES

Com escritório de Comissões e Representações

RUA MIGUEL BOMBARDA, 86

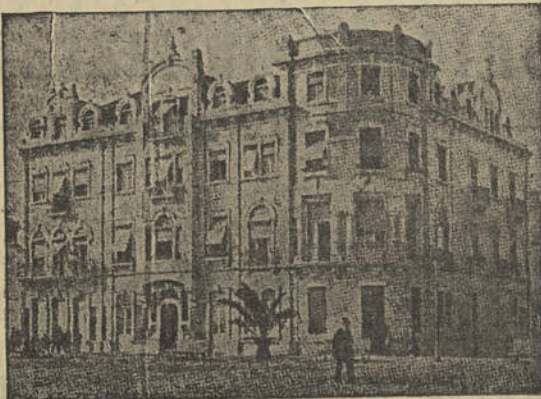
— TELEFONE 118 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## HOTEL GUADIANA

TELEFONE 154

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



O MELHOR HOTEL DO SUL DO PAÍS  
INTALAÇÕES MODERNAS ESMERADO SERVIÇO DE MESA

QUARTOS SIMPLES E COM BANHO

Recebe comensais a preços bastante convidativos

Preços especiais para BANQUETES e CASAMENTOS



Destaque a sua personalidade...

Em confecções para:

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

**Alfaiataria MARTINS**

R. Dr. Sousa Martins, 52-A - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

"Porto", "Lazareto", "Atlético" e "Celeiro"

ficaram apurados para a fase final



DESporto

CELEIRO, 3 — HORTALENSE, 0

A'rbítrio: Norberto Cavém.  
Celeiro: Vaz; Joaquim, Mendes e Peres; Rafael e Ismael; Raimundo, Mário, Norberto, José Maria e Fernando.

Hortalense: Ribeiro; Gomes, Sérgio e Manolo; Pereira e Mário; Domingos, Brito, Rui, Luis e Emídio.

O primeiro golo foi marcado aos 10 minutos do começo. O habilidoso extremo esquerdo do Celeiro, Fernando, internou-se rapidamente servindo em boas condições Norberto que não teve dificuldade em bater o guarda-contrário.

O Hortalense, apesar de jogar com um vento fortíssimo pelas costas, não conseguiu ascender territorial nem sequer tentou tirar proveito de tal circunstância para rematar à baliza de Vaz. Ao invés, foi o Celeiro que atacou mais vezes e mais ocasiões de golo disputou.

No segundo meio tempo a equipa rubro-branca continuou a mostrar melhor apetrechamento firmando a sua superioridade com dois tentos marcados por Mário e Fernando.

Jogo disputado com muita correcção. Resultado justo. Boa arbitragem.

de ou quantidade de futebol desenvolvido, pois, neste capitulo, as equipas nivelaram-se, mas sim porque o golo que ditou a sua derrota não foi indiscutível: foi obtido por um adversário na posição de fora de jogo.

Descontada já a infelicidade do seu guarda-contrário, ao deixar esgueirar-se para a baliza uma bola que se lhe dirigia morta para as mãos, temos que aceitar como ilógico — o resultado final deste encontro.

De resto, a partida decorreu em franca monotonia, já sem o acicate dos pontos, porque ambos os contendores tinham as suas posições definidas e tanto o Porto como a Flor de Lis não carburaram de forma a justificar o crédito de dois pontos à sua conta.

ATLÉTICO, 4 — LAZARETO, 4

A'rbítrio: José David.  
Atlético: Mirones; Ferreira, Francisco e Gaudêncio; Amândio e Aquilino; Vicente, Salvador, Renato, Sanina e Ludgero.

Lazareto: Romeu; Lopes, San-

tos e Rui; Fernando e Daniel; Marques, Ismael, Marco, Borges e Dionizio.

No fim do primeiro tempo 2-2. Sanina, Salvador, Aquilino e Vicente, marcaram pelo Atlético. O Lazareto alcançou os seus tentos por intermédio de Dionizio (2), Marco e Ismael.

Partida equilibrada e, portanto, resultado justo.

NÁUTICO, 4 — HORTALENSE, 1

A'rbítrio: Norberto Cavém.  
Náutico: César; Ruas, Samúdio e Saraiva; Cipriano e Gregório; Agostinho, Canário, Cavaco, Pereira e Feliciano.

Na segunda parte Calvino entrou para o lugar de Canário.

Hortalense: Ribeiro; Tamissa, Rui e Gomes; Pereira e Lima; Domingos, Brito, Sérgio, Emídio e Igreja.

No fim do primeiro tempo: 3-0. Golos de Agostinho, Pereira e Cavaco.

Aos 10 m. da segunda parte Brito reduziu a diferença para 3-1. Cavaco, porém, em jogada de insistência, voltou a marcar, estabelecendo o resultado final.

A partida decorreu sempre de maneira uniforme: Os hortaleses a dominarem territorialmente mas sem conseguirem ultrapassar a cortina que os adversários ergueram sobre as 18 jardas: os náuticos a responderem, periodicamente, com lances de contra-ataque, lançando sempre o pânico na fraca defesa dos hortaleses.

Partida jogada com muita correcção e arbitragem fácil e certa.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Porto	7	6	1	—	14	7 13
Lazareto	7	3	2	2	18-11	8
Náutico	7	4	—	3	14-14	8
Atlético	7	3	2	2	10-9	8
Celeiro	7	2	3	2	14-11	7
Beira-Mar	7	2	1	4	9-10	5
Flor de Lis	7	1	2	4	6-14	4
Hortalense	7	1	1	5	5-14	3

HOJE:

às 16 horas — Celeiro-Atlético, árbitro Norberto Cavém.

às 18 horas — Lazareto-Porto, árbitro José David.

QUINTA-FEIRA, 17

às 16 horas — Celeiro-Lazareto.

às 18 horas — Porto-Atlético.

DESportistas!!!

LEVAI A TODA A PARTE A FAMA DO VOSSO CLUBE, USANDO CHAPÉUS COM O SEU NOME E EMBLEMA!!!



à venda nas boas chapelarias



Fábrica Condestável



S. JOÃO DA MADEIRA

NÁUTICO, 0 — BEIRA-MAR, 3

A'rbítrio: Norberto Cavém.  
Náutico: Calvino; Ruas e Molarinho; Cipriano, Samúdio e Zeca; Cavaco, Canário, Ezequiel, Pereira e Feliciano.

Beira-Mar: Trindade; Celso e Calvino; Pires, Carmo e Travassos; Rosa, Botequilha, Norberto, Zeca e Brito.

Marcadores: Rosa, Travassos e Norberto.

Logo nos primeiros minutos alcançou o Beira-Mar o golo necessário para lhe dar tranquilidade e confiança, tanto mais que a equipa encarava esta partida apenas com o desejo de fazer boa figura, já que na classificação não poderia de forma alguma alcançar lugar de destaque.

Não aparecendo na devida altura a reacção do adversário que parecia conforme com a marcha dos acontecimentos, foi, naturalmente, tomando vulto o ascendente dos rapazes de Monte Gordo que, ao intervalo, já venciam por 2-0, resultado aliás justíssimo, a premiar a sua maior combatividade.

No segundo tempo, o Náutico foi punido com uma grande penalidade, que Norberto aproveitou muito bem para converter no terceiro tento e fechar a contagem.

Todavia, já os náuticos não mereciam derrota tão expressiva, pois, no segundo tempo, haviam resgo de forma a justificar, pelo menos, o ponto de honra.

PORTO, 2 — FLOR DE LIS, 1

1.º Tempo — 0-0

A'rbítrio: José David.  
Porto: Viegas; Viegas II, e Tomé; Humberto, Samúdio e Guimarães; Modesto, Pinga, Salas, Fernando e Mendes.

Flor de Lis: Dias; Helder e Lança; Samúdio, Bernardino e Viegas; António, Neves, Farinha, Cândido e Noia.

Marcadores: Mendes e Pinga, pelo Porto; Noia, pela Flor de Lis.

O resultado não traduz com fidelidade o desenrolar da partida.

A Flor de Lis, não jogando bem, não merecia, contudo, sair do campo em situação desfavorável.

Nanja que a equipa tivesse suplantado o adversário em qualida-

**BOA ESPERANÇA**  
— DE —  
**Eugénio Rodrigues Madeira**  
VILA NOVA DE CACELA

**MERCEARIAS**  
**FAZENDAS**  
**CEREAIS E VINHOS**  
**CASA DE PASTO**

*Para o sossego dos Pais,*  
*um seguro de vida na* **IMPÉRIO**

**COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO**  
R. GARRETT, 56 LISBOA

Agente em Vila Real de Santo António  
**Aurélio de Brito Clemente**

Aluga-se em Castro Marim

Casa para residência, com 6 divisões, quarto de banho, água e esgotos.

Tratar com José Pacheco Dias — Telefone 8 — Castro Marim.

2-EXCURSÕES-2

1.ª A FÁTIMA

Nos dias 11, 12, 13, 14 e 15 de Maio-1955

Itinerário: Vila Real de Santo António, Beja, Évora, Santarém, Tomar, Castelo do Bode, Fátima, Batalha, Alcobaca, Nazaré, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Mafra, Lisboa, Vila Franca, Alcácer do Sal, Beja e Vila Real de Santo António.

2.ª AO NORTE

Pela Páscoa de 1956

Saída de Vila Real no domingo e regressando à segunda-feira Nos dias 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31 de Março e 1 e 2 de Abril

Itinerário: Vila Real de Santo António, Beja, Évora, Santarém, Tomar, Castelo do Bode, Fátima, Leiria, Pombal, Coimbra, Mealhada, Abergaria a Velha, S. João da Madeira, Porto, V. Nova de Famalicão, Braga, Bom Jesus do Monte, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Porto, Espinho, Ovar, Aveiro, Figueira da Foz, Leiria, Batalha, Alcobaca, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Mafra, Lisboa, Vila Franca de Xira, Alcácer do Sal, Ferreira do Alentejo, S. Brás de Alportel, Tavira e Vila Real de Santo António.

Com grandes facilidades de pagamento

Dirija-se a JOSÉ RUFINO — Vila Real de Santo António

Telefone 86  
Teleg. António Ruvinho

**ANTÓNIO DOS ANJOS RUVINHO**

Comissões, Consignações e Conta Propria

**ALCAPARRAS**  
para a indústria de conservas

**ESPONJAS NATURAIS**  
para uso litográficos e lavagem de automóveis

Vila Real de Santo António

Prédios

em Vila Real de Santo António

Vendem-se: um na Rua António Passos, n.º 25, com onze divisões, duas portas e cinco janelas; outro na Rua João de Deus, n.º 2, (esquina com a Rua Artilharia I) com sete divisões, duas portas e quatro janelas, e outro na Rua João de Deus, n.º 4, com cinco divisões, uma porta e duas janelas.

Tratar com José Rodrigues Ribeiro — Vila Nova de Caceia.

**António Gomes Gonçalves**  
Rua 5 de Outubro-CASTRO MARIM  
Telefones: 2 e 10

Sucursal: Avenida da República, 73  
Telefone: 89

Vila Real de Santo António  
**VINHOS DA REGIÃO**

Rádios «PHILIPS» 1954

Os mais recentes modelos para todas as correntes

Para o Campo e Praia  
**AUTO-RÁDIOS**

Aspiradores e Enceradoras  
**«PHILISHAVE»**

Máquina Eléctrica de barbear

Vendem a pronto e com grandes facilidades de pagamento

**RAMOS & MATEUS**  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

à curiosidade de todos, encheram-se de milhares de obras ao gosto do comprador mais exigente ou menos recalcitrante. As crianças tinham as suas barracas recheadas de belos albuns de estampas coloridas e onde se contavam histórias de fadas, de gnomos e duendes. Os adolescentes, amantes das aventuras do Far-West e dos movimentados episódios escritos por Emílio Salgari, também não foram esquecidos. As meninas românticas tinham na Feira uma chuva de romances de Max du Veuzit e de outros autores consagrados e especializados no género, estrangeiros e portugueses. Havia barracas de livros espanhóis e de livros brasileiros, com edições de luxo e populares, variando entre preços acessíveis e outros quase proibitivos. Aqueles que nas histórias policiais, de crime e de mistério, encontram refúgio para as suas preocupações e para as canseiras do dia-a-dia, também se não podiam queixar de não terem por onde escolher. O intelectual, filósofo ou apreciador das Obras mestras da Literatura, lá tinham, igualmente, o seu Shakespeare (tão velho e sempre tão intelectual!), o seu Balzac, o seu Zola, o seu Tolstoi e todos esses gigantes cujas páginas atravessam os tempos e as distâncias guardando intactas as suas qualidades e nada perdendo do seu encanto e da sua genialidade.

Os alfarrabistas tinham na Feira do Livro os seus «stands» onde espunham livros gastos e usados por Deus sabe quantas mãos, com as encadernações esfarrapadas e rotas, as páginas manchadas pelos anos, e que os coleccionadores e os bibliófilos rebuscam com cuidado sempre na esperança de descobrir um achado ou uma pechincha.

O público aproveitava as noites quentes e calmas para ir passear até à Feira. Corria com vagar todas as barracas, folheando um ou outro volume, perguntando aqui e além o custo dum romance ou duma revista, pedindo catálogos para levar para casa e para consultar com mais tempo e mais sossego. Não sei se os livreiros e os editores fizeram ou não bom negócio, mas não restam dúvidas de que a Feira traz uma acção benéfica, que mais não seja pela agitação, que provoca e pela curiosidade que espicaça. O lisboeta habituou-se a ela, visita-a, toma contacto com estantes cheias de livros, aprende a folhear as suas páginas impressas e de quando em quando, sempre alarga os cordões à bolsa... E isso é que é preciso, porque isto de romances, é como as cerejas, vêem uns agarrados aos outros.

Os que não têm suficientes disponibilidades enchem os bolsos de catálogos, e lá em casa entreteem-se a fazer planos e a imaginar grandes bibliotecas, com estes e aqueles volumes, com os seus autores preferidos ou com os géneros literários que mais lhes interessam. E' sempre assim, desde que Deus criou Adão e lhe deu Eva por companheira: os que podem não querem e muitas vezes os que querem não podem. Um mês passa-se depressa, e os cogumelos coloridos da Avenida da Liberdade que tanta companhia

ELES E NÓS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

fixa num ponto e abraça toda uma região com igual intensidade, desde o sotavento ao barlavento, desde o litoral de areias douradas e águas mornas até ao interior montanhoso e exuberante de vegetação.

A «nossa terra» equivale a dizer a «nossa provincia», os seus encantos e a sua beleza. Julgo mesmo ser esta a ideia que une a numerosa família algarvia, com a consistência do cimento aglomerante dos constituintes dum granito.

Sempre me enojaram as atitudes dúbias. Talvez por isso, os meus jornais são sempre aqueles que sabem manter uma atitude rígida e uma orientação definida; que sendo pretos se mantenham pretos, que sendo brancos se mantenham brancos.

A cor de burro quando fuge tem o condão de provocar-me o nójo ou, talvez, um complexo de nójo e revolta. Efectivamente, todo me desespero quando a directriz dum periódico se afasta da recta preliminarmente traçada, ou quando os seus responsáveis fingem caminhar a direito, ensaiando fantásticos trejeitos de equilibrista consagrado. Eu não posso servir a essa gente. Seria hipócrita subordinar a minha pena a questões de amizade e a factores de conveniência.

Felizmente (eis onde queria chegar), na pequena imprensa as atitudes são francas e... o elogio mútuo não campeia no seu trabalho infrene de consolidar falsas reputações. Nas acanhadas colunas das folhas da provincia, a verdade apresenta-se sem reservas e sem rodeios. E' ela própria desprovida de mascarilha, clara como a água que, correndo cristalina de fonte perene, apecebeber.

Relanceando essas folhas, enormes para os seus recursos e valiosas perante o sacrificio que representam, o leitor não encontra calculados oportunismos, preconcebidos interesses e... reclamos escandalosos, agitando pigmeus que nunca passarão de «gigantes» de palmo e meio, por mais que os puxem através da feira do elogio amigo!

No jornalismo as amizades só se concebem de cacete debaixo do braço. E isto porque, perante o público, é dever que se ponha o preto no branco, sem contemplações e sem meias medidas: Um patife é um patife e um burro é um burro. Só assim será possível seleccionar os mais aptos para esta ingrata missão de dar cultura ao povo.

Foi Rocha Martins que um dia disse (veja-se «Os fantoches») ser a imprensa uma máquina nobre explorada por malandros. Não vou tão longe. Mas não deixarei de dizer que imprensa que se oriente para explorar a boa fé do público não passa duma espécie de recinto imundo, onde alguns levam rotineiramente a fossar como um porco numa estremeira. Por entre a matéria escrementosa eles não cessam de encontrar a razão diária que, segundo parece, dividem fraternalmente com medo de melindres. Os melindres poderiam provocar brigas. E uma briga sobre um montão de estremeira seria um grande cataclismo, pelos odores pestilentos que se levantariam do remexer de tanta porcaria.

As «polémicas», as «rectificações» e os «desmentidos» são palavras inexistentes nos dicionários

faziam aos cisnes brancos dos lagos, murcharam e morreram, como tudo o que é humano e sai das mãos dos homens. No ar ficou o seu perfume feito de tintas de imprensa e de papel roído pela velhice. E ficou mais, ficou o gosto pela leitura, o amor pelos livros — com os cães, os melhores amigos de todos nós! — o desejo de formar estantes e de alinhar boas obras. E agora, até daqui por um ano, quando voltar a completar-se o ciclo evolutivo daquelas flores exóticas feitas de cultura, de espírito e de Génio, feitas, afinal, de tudo quanto há de melhor da pobre e pecaminosa Humanidade.

João A. Mendes Leal

dos grandes periódicos. A coisa chegou a tal ponto que é impossível a um dileitante bater num consagrado! Entre os muitos casos que conheço, cito um passado entre Rocha Martins e um pobre Diabo idealista que pretendia, e com razão, emendar o mestre. Pois o Rocha atirou o original do adversário para o cesto dos papéis e ressalvou as suas asneiras, dias depois, usando duma desculpa torpe!!

Pessoalmente também tenho que contar. O caso mais edificante relaciona-se com uns artigos de carácter ideológico que pretendi publicar num diário também ideológico. E nada conseguí porque...

Não. Não conto. O melhor é reservar este assunto para outra vez. Por agora apenas direi que na imprensa algarvia me encontro muito bem situado para dar uma tarefa mestra nesse cavaleiro. Não perde pela demora.

Por estas e outras se avalia bem da inestimável utilidade da pequena imprensa.

As atitudes mais desassombreadas do jornalismo português guardam-se em ignoradas ou quase ignoradas folhas: minúsculos jornalinhos onde muitos espíritos independentes se desagravaram. Basta que lembremos o «Povo de Aveiro», que a partir de 1882 revelou um dos maiores panfletários dos últimos tempos; aquele indomável Homem Cristo que, estribado na verdade, nunca hesitou a brigar fosse com quem fosse. De todas as suas brigas ficaram célebres as que sustentou com Afonso Costa e Guerra Junqueiro.

Também o autor da Velhice do Padre Eterno colaborou largamente em jornais da provincia, como a «Aurora do Lima» onde atacou Oliveira Martins, e como a «Folha-microcosmos literário» — que se celebrou por virtude do conflito aberto em Coimbra contra António Feliciano de Castilho.

E já agora vem a propósito dizer que também este último escritor pagou o seu tributo aos pequenos jornais, fundando e dirigindo em S. Miguel «A Verdade».

Muitos mais casos se poderiam citar, mas como o artigo vai longo, limito-me à evocação dum grande órgão regionalista que se chamou o «O Leiriense», que durante muitos anos teve como director D. António da Costa, conhecido homem de letras e principal biógrafo do Marechal Saldanha.

Para calar o riso depreciativo dos «gigantes» de palmo e meio, o que aí fica basta e talvez sirva de estímulo a este pequeno jornal que em Vila Real de Santo António acaba de vencer o primeiro ano da sua vida.

J. Silva Carvalho

O porto de Vila Real de Santo António

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

Vejamos agora, em pormenor, a outra noticia e confrontemos as verbas destinadas a obras nos seguintes portos:

Table with 2 columns: Location and Amount. Viana do Castelo 4.998.151\$00, Portimão 3.148.851\$70, Aveiro 2.473.445\$90, Faro-Olhão 2.276.392\$80, Horta 196.003\$20, Peniche 22.778\$80, Figueira da Foz 377\$10, Vila Real de Santo António —\$—

O facto de não ter sido votada qualquer verba, dentro do Plano de Fomento, para obras no porto de Vila Real de Santo António, não significa que este esteja completo e acabado e que nele nada falte. Significa, apenas, que não foi considerado, dentro do âmbito desse Plano, para continuar a fomentar riqueza — essa riqueza que só pode contribuir para a prosperidade e para o bem-estar de todos.

Estamos, pois, em face de dois factos cuja importância transcende o interesse regional, ficando este, só por si, bastante afectado. Mas, enquanto que o Plano de Fomento não pode agora ser desarticulado, dada a estrutura do seu conjunto, o regulamento de tarifas da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, precisamente por que não está ajustado às realidades do presente, deve ser revisto, tendo em mira, sómente, os interesses da Nação — e não outros!

E' isto que se torna necessário levar ao conhecimento de quem de direito e, para tal, devia constituir-se uma comissão que, representando os diferentes sectores de actividade, fosse junto do Poder Central e ali expuzesse as suas legítimas aspirações.

A ideia aí fica. Falta agora que alguém a secunde, pondo-a em prática.

O meu Príncipe

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

sua sensibilidade doentia de criança afectiva, a exacta noção do seu valor infimo. E retrai-se então. Volta-se para si próprio e procura baldadamente o motivo porque a sua vida não é igual à das outras crianças. Porque não lhe é permitido correr e gritar. Porque os seus Pais o não abraçam e beijam num desses impulsos espontâneos que têm tanto de bárbaro como de belo. E o meu Príncipe encerra-se em si mesmo. Se ele não tem com quem conversar...

A's vezes há nele um estranho assomo de enérgica coragem, que passa num momento como um sopro fugaz. E é então que o rosto se lhe tinge de um rosa-leve e a sua voz toma entonações diferentes. Mas isto passa como um clarão súbito, e ele volta rapidamente àquela tristeza que quase nunca o abandona. No entanto, eu sei que ele também gosta de falar. Seria capaz de palrar uma tarde inteira se tivesse com quem, e também seria capaz de folgar e rir como outra criança qualquer. O ambiente, porém, não lhe é propício. Os Pais são rispidos e demostadamente modernos, no sentido menos sensato e compreensível que esta palavra possa ter, e o meu Príncipe definha como uma planta à qual fossem tirados o ar e a luz.

Para quê divulgar o nome do meu Príncipe, se ele é e será sempre o Príncipe encantado de um sonho a que a realidade não soube airoosamente corresponder? Não, não o divulgarei.

Agora mesmo estou a vê-lo desta minha janela, numa conversa interminável com o vizinho do lado. Tendo conseguido fugir à tirania familiar, aproveita rapidamente estes escasos momentos que lhe fogem, deixando expandir a sua fantasia a cada passo reprimida. Então, ao olhá-lo neste momento, eu sinto o desejo sublime de o desviar dos seus, de o arrancar dali, daquela atmosfera que o sufoca e que nunca o deixará plenamente viver.

Jocelyne Pinto

RELÓGIOS?

Das melhores marcas COM GARANTIA Vendem a preços fora de toda a concorrência RAMOS & MATEUS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Algumas considerações sobre o livro

POEMAS DA FONTE D'EROS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

sempre reverdecida!

Há que conhecer este Poeta, para se poder apreciar um dos mais curiosos e cultos espíritos poéticos, que o Algarve presentemente possui. Audacioso na forma, às vezes desconcertante, tem o condão de arrastar a nossa curiosidade até ao extremo da dissecação da beleza de uma imagem menos vulgar. Os temas mais frequentemente expressos, em suas poesias, são os do Amor e do Desejo. A Saudade tem, com certa frequência, uma boa parcela, também, neste livro. De um lirismo fácil de contogiar o leitor, a maior parte das poesias, que compõe o livro a que nos estamos a referir, dá-nos como que o espelho das nossas reacções, dos nossos sonhos e desejos, dos nossos desesperos e desilusões. Têm como que a marca da sinceridade que qualquer de nós poderia perfilhar.

Na conturbada época em que vivemos, há poucas pessoas que se interessem por versos, menos quem os leia e muito menos, ainda, quem os compre. Compreendemos que, até certo ponto, tal anormalidade é normal, para a época de extrema penúria material e moral que pesa sobre quase todos nós... Ainda se a Poesia pudesse substituir o pão! Mas o milagre das rosas pertence a um passado bastante recuado, na História e na Lenda... No entanto, é do domínio público que a Poesia, através de todos os tempos, tem marchado na vanguarda dos movi-

mentos progressivos. Tem sido, quase sempre, como que uma bandeira desfraldada no coração dos povos, que os empolga nos seus anelos de libertação e os leva para todas as ousadias, na busca da perfeição!

Temos acompanhado, sempre com justificado interesse, a marcha do poeta que é Hernâni de Lencastre. Desde que, há dois anos, publicou «Jardins Suspensos», livro em que se nos revelou (a nós que desconhecíamos as suas anteriores produções) desde logo poeta de largos recursos, com imagens e sugestões admiráveis, com um fundo poético só próprio de quem é, realmente, um bom cultor da Poesia, que a sua personalidade artística se impôs à admiração do público apreciador da musa lírica. Fez sair, no ano imediato, o livro «Espumas Irisadas», com o qual viu confirmada a geral admiração causada quando da aparição da obra anterior. Agora, e mantendo uma regularidade a todos os títulos digna de apreço, fez sair «Poemas da Fonte d'Eros». A este, como se verificou com os anteriores, deve estar reservado idêntico triunfo — para que possa servir de incentivo, na prossecução do autor, através de todos os caminhos semeados de dificuldades e incompreensões!

Afim de poder-se apreciar uma pequena amostra do livro que deu origem a estas ligeiras considerações, transcrevemos a seguir uma poesia, colhida ao acaso, desse livro demais de duzentas páginas:

Soneto à moça da bilha

Eial! Se existem anjos ou seréias, se há castelã de sonho e maravilha de quem segredam noites, p'las ameias, ser de todas a estrela que mais brilha...

Se há deusas que de espuma, nas areias, surgem às vezes, numa ou noutra ilha, com gestos estudados de epopeias, esta moça descalça, com a bilha...

...tem mais graça que tudo e mais beleza, em toda a terra e céus, na Natureza, e desde a madressilva dos barrancos

aos lírios dos palácios encantados, às pombas dos jardins de namorados, às gazelas reais e cisnes brancos!

A apresentação gráfica é das melhores que temos visto, ultimamente. Muito cuidada, a revisão, do autor, de quem é o desenho da capa e a edição.

A. V. C.

Um só refrigerante! Uma só marca

SIMON

CASA FUNDADA EM 1914

RUA TEÓFILO BRAGA

Vila Real de Santo António